Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Terça-feira 13.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 726 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

GNR SUBSTITUI TODOS OS EX-INSPETORES DO SEF UM ANO ANTES DO PRAZO

FRONTEIRAS Despacho conjunto das ministras da Administração Interna, Margarida Blasco, e da Justiça, Rita Júdice, antecipa fim de funções no controlo fronteiriço de 80 antigos inspetores do SEF, atualmente quadros da Polícia Judiciária. A maioria está a servir a GNR, que consegue, até 28 de outubro, prescindir de todos os inspetores "emprestados" e ter as fronteiras marítimas e terrestres exclusivamente controladas pelos seus militares. PÁG. 10



KAZUHIRO NOGI / AFP

CINEMA
PARA REDESCOBRIR JEAN-LUC GODARD NOS NOSSOS ECRÃS CASEIROS
PÁGS. 24-25

Saúde
PS contraria Marcelo e não se compromete com "pacto de regime"
PÁG. 6

Brasil
Eduardo Campos morreu há 10 anos mas o legado vive
PÁG. 19

Opinião de Armindo Monteiro
PRESIDENTE DA CIP
"Os preconceitos económicos atacam outra vez"
PÁG. 16

DA ÉTICA AO AUMENTO DE APOIOS E PRATICANTES.
LEGADO DE JOSÉ MANUEL CONSTANTINO VAI ALÉM DAS MEDALHAS
PÁGS. 24-25



RENTRÉE DO PONTAL AO AVANTE, PARTIDOS RENOVAM CICLO POLÍTICO À ESPERA DO ORÇAMENTO
PÁGS. 4-5

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
JULIEN MONTBABUT
CHEF DO LE MONUMENT (1*MICHELIN), PORTO
"Adoro a elegância da baleia, que canta para comunicar"
PÁG. 14

COMPORTAMENTOS ADITIVOS COM VERBAS A CONTA-GOTAS, INSTITUTO DE COMBATE À DROGA RESISTE E MANTÉM APOIOS
PÁGS. 8-9



Até ver...

Ricardo Simões Ferreira
Editor do Diário de Notícias

Os Olímpicos e o retrato de quem os organiza

A utilização dos Jogos Olímpicos, na "era moderna", como forma de propaganda dos Estados que os organizam é um clássico que vem desde a Alemanha de Hitler. Os JO de 1936 foram mesmo os primeiros a ter os resultados a serem transmitidos por telex em tempo real para os *media* e com cobertura televisiva, com transmissão para salas de cinema especialmente equipadas na cidade de Berlim (e com potência suficiente para poder ser, eventualmente, o primeiro sinal rádio de TV interestelar da Humanidade – algo que Carl Sagan virá a utilizar com especial efeito dramático no seu livro de ficção, adaptado a filme com o mesmo nome, *Contacto*).

O *Reich* usou com êxito os Olímpicos de 36 para promover a superioridade tecnológica alemã (ainda que lhes tenha saído o tiro pela culatra quanto à "supremacia ariana", em especial por terem de mostrar ao mundo as imagens do negro norte-americano Jesse Owens a vencer quatro Medalhas de Ouro, nos 100 e 200 metros, nas estafetas e no salto em comprimento. E, pelo caminho, inventaram a "cerimónia de abertura" dos JO.

Desde então, cada país organizador faz por mostrar ao mundo – num evento que se pretende desportivo, mas que é obviamente político – quão superior é relativamente aos restantes. Os JO de Tóquio 1964, por exemplo, foram os primeiros a serem transmitidos em direto através de satélite para a Europa e América do Norte, inaugurando a cobertura televisiva moderna Olímpicos.

A União Soviética, em 1980 ampliou de forma sistemática esta utilização do satélite. E transmitiu em direto para o mundo a imagem de paz e união, encabeçada pela hoje mítica mascote Misha, um ursinho desenhado pelo ilustrador infantil russo Victor Chizhikov, que marcou por completo todo o evento.

Durante este período, os comunistas soviéticos pareceram capitalistas, tanto foi o *merchandising* olímpico com o Misha que foi produzido: aparecia em chávenas, *T-shirts*, cinzeiros...

A mensagem: o "grande urso" russo era afinal um querido ursinho inofensivo, de braços abertos ao mundo, incapaz de maldade. A invasão do Afeganistão, iniciada meses antes, em dezembro de 1979, que levou os EUA de Jimmy Carter a boicotarem estes JO, era obviamente uma missão de pacificação a pedido do Governo legítimo do país. Algo, aliás, ainda hoje defendido por grande parte da extrema-esquerda, portuguesa e não só. Mas estou a sair do tema. Ou talvez não...

Misha era ainda a resposta de propaganda perfeita – através de um boneco infantil – de que é o imperialismo americano que tudo faz para destruir um belo momento de encontro pacífico da Humanidade na capital do paraíso da "ditadura do proletariado". E, ainda que tal possa hoje custar a acreditar às gerações mais novas, para muito boa gente, funcionou. O boneco marcou pelo menos duas gerações e o momento do encerramento dos JO, em que o Misha parte para sempre preso a balões sobre o Estádio Olímpico levou muitos às lágrimas.

Nesses instantes, os comunistas deixaram de ser os velhos no camarote a ver passar procissões de soldados com marchas ridículas e carros com mísseis intercontinentais. Passaram, por alguns segundos, a seres humanos. E houve quem lhes tivesse dado o benefício da dúvida das suas intenções – e nunca tivessem daí saído, infelizmente. É esse o poder da boa propaganda.

Na missão de tentar controlar as mentes dos outros, dos líderes religiosos aos políticos, passando pelos *marketeers*, há efeitos fáceis de prever – que a rainha Isabel II a receber James Bond (interpretado por Daniel Craig) em Buckingham para a escoltar até à cerimónia inaugural dos JO de Londres 2012 será de imediato um *clip* viral na internet é claro–; outros mais difíceis de medir *a priori* as consequências exatas. É por demais evidente que a cena da "última ceia" da abertura de Paris2024 foi desenhada para criar polémica, mas toda a onda de controvérsia que se gerou, entre os ofendidos e os que vieram a correr intelectualizar a coisa foi de tal forma ridícula que demonstra bem como o ser humano, tendo as suas necessidades básicas asseguradas, é incapaz de priorizar as suas energias relativamente aos assuntos que importam para a sua real sobrevivência.

Mas é também nesses efeitos imprevisíveis, por vezes indesejados, que muitas vezes se encontram as pérolas. E estes JO de Paris não foram exceção. Na Cerimónia de Encerramento, demonstraram, ainda que sem querer, como é diferente a forma de ver a liberdade no Velho e no Novo Continente. Enquanto Paris encerrava da forma como abriu, com grandes (e um pouco chatas) figuras cénicas, houve um momento de passagem de testemunho para Los Angeles, com a intervenção de Tom Cruise, em que caiu ali a energia e a capacidade cénica americana que é um contraste tão evidente como, literalmente, do dia para a noite (eram 23.00 em Paris, 14.00 na Califórnia).

No vídeo que nos foi mostrado, quando a bandeira olímpica "chega" a Los Angeles e passa de mão em mão por várias personalidades, que vão correndo em direção à praia onde se realizará um pequeno concerto, as pessoas pelo caminho, aparentemente cidadãos comuns, curiosas, juntam-se de livre vontade. Não porque são obrigadas a isso, não porque estejam a seguir "a estrela", não porque vão em "espírito de missão"... Vão porque querem ir ver o que é que se passa. Porque é bom, porque é giro, porque têm energia. São felizes. E isso transmite-se pela TV.

Independentemente do que possam ter ouvido dizer por aí, o sonho americano continua bem vivo. Os cuidados de saúde de que está a precisar são alguns, de facto, mas na realidade – e quando olhamos para o que andamos a fazer com a *nossa* liberdade – não são mais do que os nossos. Aliás, quem nos dera!

OS NÚMEROS DO DIA

1000

QUILÓMETROS QUADRADOS
A Ucrânia reivindicou ontem o controlo de 1.000 quilómetros quadrados de território russo na região fronteiriça de Kursk.

62

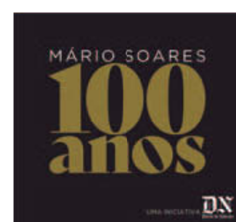
MILHARES DE CRIANÇAS
O Governo anunciou ontem que a primeira campanha de vacinação gratuita contra o Vírus Sincicial Respiratório arranca a 1 de outubro próximo e irá proteger cerca de 62 mil crianças de doença grave e hospitalização.

570

OFICIAIS DE JUSTIÇA
O Governo vai contratar 570 novos oficiais de Justiça, anuncia ontem a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice.

171,5

MILHÕES DE LITROS
As exportações de vinhos cresceram 8,58% em volume e 1,25% em valor no primeiro semestre face ao mesmo período de 2023, segundo a ViniPortugal. No primeiro semestre de 2024, foram exportados 171,5 milhões de litros no valor de 452,4 milhões de euros.





13.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



Rentrée

Do Pontal ao Avante, partidos renovam ciclo político à espera do OE

ESTRATÉGIA O verdadeiro regresso ao trabalho parlamentar será a discussão em torno das contas do Estado para 2025. Agora, os partidos seguem o modelo de sempre e atraem jovens para as suas fileiras. Sobre isto, o DN ouviu os politólogos Adelino Maltez e Paula do Espírito Santo.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

"Antes das férias, para haver notícias políticas, era preciso discutir o caso das gémeas", lembra ao DN o professor catedrático de Ciência Política do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa (ISCSP), José Adelino Maltez, questionado sobre a importância dos vários eventos que vão marcar a vida partidária ao longo das próximas semanas. Os sinais de vida dos partidos começam na Festa do Pontal, dos sociais-democratas, e vão até até à Academia Socialista, do PS. Pelo meio, aparece a 48.ª edição da Festa do Avante!, organizada pelo PCP, que configura, em participação, o maior evento partidário de Portugal, e vai até à 4.ª edição da Academia Política do Chega. Todos os partidos com assento parlamentar regressam assim às lides políticas, mas não há semelhanças com o ano passado: o Parlamento está agora fraturado, com um Governo sem maioria e com dois partidos na oposição – PS e Chega –, dos quais depende a aprovação do Orçamento do Estado para 2025, que marca o verdadeiro regresso ao trabalho.

Sobre o debate em torno das contas públicas do próximo ano, já a partir de setembro, ainda não há um desfecho. O documento tem de estar consolidado em novembro, aprovado pelo Parlamento.

Até esse momento, os partidos, tal como acontece anualmente, têm de fazer valer os teus objetivos. E o Governo tem de convencer a oposição ou ceder.

"Aí vai ser precisamente o demarcar político dos partidos, do ponto de vista da continuação da estratégia eleitoral, porque, no fundo, os programas eleitorais vão estar muito presentes", explica ao DN Paula do Espírito Santo, investigadora e professora também no ISCSP.

"O orçamento certamente será viabilizado, mas com contrapesos que têm de ser colocados pelo Governo", continua a professora, acrescentando que "neste momento cada um [dos partidos] está por si."

Por agora, a estratégia passa por mostrar publicamente ao que vêm os partidos, aclimatando Portugal para o grande debate anual sobre as contas do Estado. Para isso, os partidos recorrem a festas culturais, populares, comícios, jantares, encontros e escolas temporárias que têm a dupla valência de manter as forças políticas a pulsar e ainda serve para recrutar novos quadros.

"Os partidos têm subsídios públicos e, portanto, em momentos de falta de mobilização têm que inventar esquemas de interesse para poder justificar o que recebem", sustenta Adelino Maltez.

"Só que o verão aqui coincide com a véspera das posições sobre o Orçamento de Estado", às quais se juntam "crises graves na cogestão de alguns setores públicos que gastam mais do Orçamento do Estado, como a Saúde", sublinha o professor, enquanto recorda os casos que se têm acumulado em torno da ministra Ana Paula Martins, depois de divergências com organismos públicos, como o INEM.

Ainda assim, continua o politólogo, "quando se vê notícias do mundo, da América, do Reino Unido, há aqui uma capacidade de a política ter estabilidade."

"Portanto são fatores extra-políticos que revelam, em vez de uma crise política, uma normalidade", remata Adelino Maltez.

Tradição partidária anual

Questionada sobre o objetivo destas *rentrées*, Paula do Espírito Santo revela dois motivos para que aconteçam: "Do ponto de vista mediático é importante assegurar que o partido vai ter visibilidade", para além de configurar uma "renovação do ciclo político dos partidos, como se houvesse um histórico que acompanha a própria atividade parlamentar."

O PCP é o partido que tem a agenda mais apertada nestes dias e já iniciou um primeiro momento da *rentrée* (um termo que os comunistas não utilizam), com um jantar em Odivelas na passada sexta-feira, e, no dia seguinte, com um almoço em Fronteira, no Alentejo. Mas estes dois encontros não se comparam com a celebração magna comunista, que desde 1990 acontece na Quinta da Atalaia, no Seixal. A estreia da Festa do Avante! foi em 1976, na antiga FIL (o atual Cen-

BE
Braga – 30 de agosto a 1 de setembro
Fórum Socialismo, na Escola Secundária Alberto Sampaio





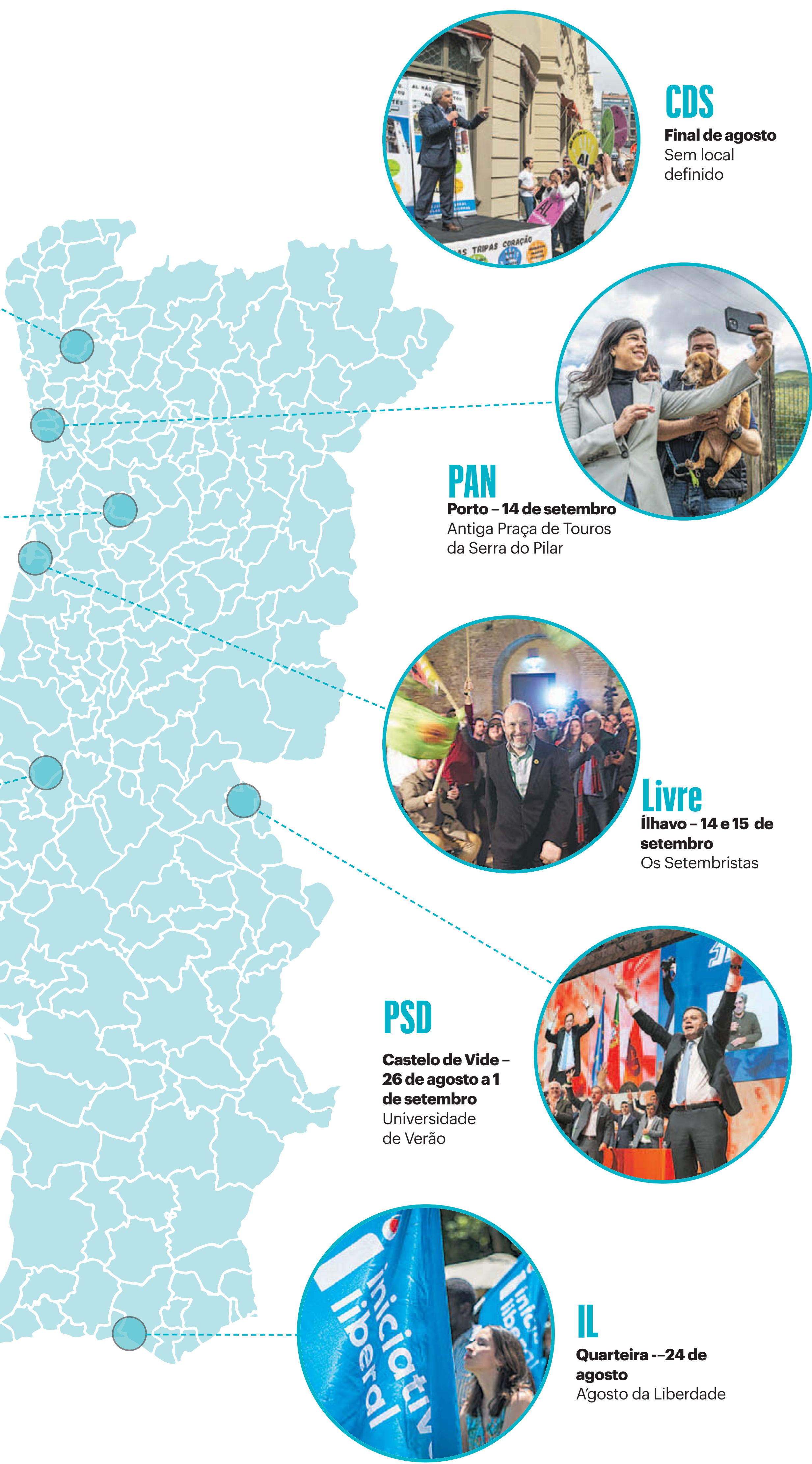
Chega
São Pedro do Su – 13 a 15 de setembro
Academia Política



PS
Tomar – 28 de agosto a 1 de setembro
Academia Socialista



PCP
Seixal – 6 a 8 de setembro
Festa do Avante!, na Quinta da Atalaia



tro de Congressos de Lisboa). A edição deste ano -–a 48.ª – acontece entre 6 e 8 de setembro, com um cartaz cultural que rivaliza com festivais de verão, mas com uma aposta mais variada, que vai desde mostras de cinema, teatro, gastronomia, desporto, muita oferta musical, nacional e internacional, desde Sérgio Godinho ao *punk rock* brasileiro dos Garotos Podres, e culmina no habitual comício, com a expectável intervenção do secretário-geral do partido, Paulo Raimundo.

Seguindo a cronologia, a vida política é reanimada, já esta semana, com a Festa do Pontal, no dia 14 de agosto, em Quarteira. O cartaz não tem rodeios: há intervenções do líder do PSD Algarve, Cristóvão Norte, e do presidente social-democrata, Luís Montenegro. Para além do jantar, está anunciado um concerto de José Cid. Mas os sociais-democratas reservam ainda, de 26 de agosto a 1 de setembro, a sua habitual Universidade de Verão, em Castelo de Vide. O programa não está fechado mas, para além das figuras cimeiras do PSD, os sociais-democratas seguem a tradição de convidar oradores de outras forças políticas.

Sobre os centristas, não se sabe muito sobre a sua *rentrée*. Para já, será algures no distrito de Aveiro e no final de agosto.

A 24 de agosto, a IL celebra este mês com uma aliteração: A'gosto da Liberdade é a *rentrée* dos liberais, com música, animação, jantar e a intervenção do líder do partido, Rui Rocha, para já, sem surpresas.

O Chega segue uma receita muito parecida com a do PSD, com um jantar em Olhão, em 22 de agosto, que antecipará a IV Academia Política da Juventude do partido, agendada para 13 e 15 de setembro, em São Pedro do Sul. Com o mote "Contra Tudo e Contra Todos", o cartaz do evento deixa uma pergunta em aberto: "Como pode a direita vencer eleições?"

Sobre a academia do partido liderado por André Ventura, Paula do Espírito Santo vê a pergunta do cartaz como "muito interessante", porque sugere que, "no fundo, há a interpretação de que a direita é o Chega."

A agenda do PS só tem um único ponto reservado para a *rentrée*, que se resume à habitual Academia Socialista. Este ano, decorre entre 28 de agosto e 1 de setembro, em Tomar, e promete "*masterclasses* com alguns dos melhores oradores nacionais e internacionais", mas ainda sem um programa definido. "Não é necessário ser militante para participar", avisa a página do evento, apelando à participação de jovens entre os 18 e os 30 anos.

Quase em simultâneo com os socialistas, o BE vai realizar em Braga o Fórum Socialismo, entre 30 de agosto e 1 de setembro. São mais de 50 debates anunciados pelo partido que inclui a intervenção do ex-presidente da Assembleia da República, Augusto Santos Silva, sobre "Como mobilizar e unir a cidadania no combate à extrema-direita".

Também em 14 e 15 de setembro, o Livre ruma a Ílhavo para mais uma edição de Os Setembristas. É um encontro que acontece desde 2014, vocacionado para "o debate de ideias – livre, aberto e amplo", que homenageia os "precursores do progressismo em Portugal que foram, no século XIX, os Setembristas", revela o partido.

Também neste fim de semana, a 14 de setembro, o PAN promete estar no Porto a consciencializar "para o bem-estar animal, o ambiente e os direitos humanos", revelou ao DN fonte do partido. Para além disso, nesse fim de semana, o PAN vai lançar "um referendo sobre a abolição das touradas em Portugal, destacando o compromisso do partido com uma sociedade mais ética e progressista". Esta iniciativa contrasta com o local escolhido para o encontro: a antiga Praça de Touros da Serra do Pilar.

vitor.cordeiro@dn.pt

Atividades de verão apartidárias

Entre 5 a 8 de setembro, vai decorrer a terceira edição do Campus da Liberdade, em Peniche. Organizado pelo instituto +Liberdade, o evento é apartidário, ainda que tenha uma génese ligada à IL. Entre os oradores desta edição, é possível encontrar o deputado da IL Carlos Guimarães Pinto, a ministra da Juventude, Margarida Balseiro Lopes e o antigo líder do PSD Rui Rio.
Em Miranda do Douro, decorre, entre 28 e 31 de agosto, a sétima edição do Summer CEmp, a escola de verão da Representação da Comissão Europeia em Portugal.

PS contraria Marcelo e não se compromete com “pacto de regime” para a Saúde

ESTABILIDADE Marcelo quer acordo entre socialistas e sociais-democratas para que haja “uma continuidade política” na Saúde. Ao DN, o deputado do PS João Paulo Correia criticou o Governo pelo desvio de recursos públicos para o privado.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

O Presidente da República , Marcelo Rebelo de Sousa, defendeu ontem um “pacto de regime [entre PS e PSD]no sentido de haver uma continuidade política” na Saúde. Ao DN, o coordenador do PS na Comissão de Saúde, João Paulo Correia, avançou uma condição para que os socialistas sigam a recomendação do Chefe de Estado: “Antes de saber se o PS aceita ou não aceita um pacto com o PSD sobre o SNS [Serviço Nacional de Saúde], é crucial saber que SNS pretende o PSD. Se é o SNS do plano de emergência, aí dizemos não.”

Foi no domingo à noite, na SIC, que o tema foi levantado, pelo comentador político e antigo líder do PSD Luís Marques Mendes.

“Mudar as regras de organização e gestão do SNS exige tempo, estabilidade e vontade reformista, o que devia levar a um acordo de regime entre o PS e o PSD”, defendeu.

Ontem, no Algarve, questionado sobre as declarações de Marques Mendes, Marcelo não hesitou em seguir a mesma receita ao concordar com a ideia de um acordo entre os dois partidos.

“Há medidas [para o SNS] que são fáceis de aplicar e há outras que são mais lentas”, lembrou o Presidente da República, vincando a importância de “continuar o tipo de acompanhamento que o Governo está a fazer da execução do plano de emergência”.

No entanto, Marcelo lembrou também que “o Governo anterior [PS] não tinha começado ainda a aplicar a reforma que pretendia no modelo de gestão do Serviço Nacional de Saúde, havia lugares para preencher”, e que tudo isso “se passaria em 2024”, caso os socialistas tivessem permanecido no poder. “O novo Governo mudou algumas políticas, mudou a forma de gestão, os responsáveis mudaram”, completou.

Sobre o pacto proposto, Marcelo Rebelo de Sousa acrescentou que “era positivo, sobretudo para os principais partidos políticos. Significava que estes meses que faltam até outubro/novembro eram meses em que, para além das divergências existentes, havia um objetivo comum, que é estabilizar financeiramente, economicamente e politicamente o país”.



O coordenador do PS ma Comissão parlamentar da Saúde, João Paulo Correia, critica o Governo por insistir no plano de emergência para o SNS.

ARTUR MACHADO/GLOBAL IMAGENS

Questionado sobre a proposta de Marcelo, João Paulo Correia sublinhou que “a luta pelo SNS é um património do Partido Socialista. E é aquilo que o PS tem feito nas últimas semanas, indo ao terreno”, explicou. Para o deputado socialista, há divergências de fundo entre os dois partidos que poderão inviabilizar o acordo. “Na semana passada ouvimos um apelo do PSD para a unidade em torno das soluções para o SNS. O Partido Socialista, na altura, mostrou-se disponível para dialogar”, lembrou, acrescentando que “passados poucos dias, o senhor primeiro-ministro veio dizer que, afinal, o plano de emergência era para continuar, e não apresentando nenhuma nova medida, não dando aqui nenhuma expectativa diferente para o SNS”.

> *“O novo Governo mudou algumas políticas, mudou a forma de gestão, os responsáveis mudaram.”*
> **Marcelo Rebelo de Sousa**
> Presidente da República

João Paulo Correia criticou ainda o Governo por acreditar “num plano de emergência [para a Saúde] que já mostrou ter falhado” perante as “expectativas que o próprio Primeiro-Ministro prometeu”. “Venceu umas eleições prometendo resolver as dificuldades do SNS no imediato, e isso não aconteceu”.

No final da semana passada, o Governo anunciou um investimento de 65 milhões de euros para criar um “centro de atendimento clínico” em parceria com o Hospital da Prelada, no Porto, pertencente à Santa Casa da Misericórdia, para responder a quem é atribuída na triagem das urgências uma pulseira verde ou azul (casos de menor gravidade).

“A informação ainda é muito escassa”, disse o deputado sobre o centro de atendimento clínico, reservando, porém, pouca esperança de que esta seja “uma solução estruturante”. “As dificuldades graves que neste momento estão a marcar o dia-adia do SNS têm que ter respostas fortes. E essas têm que passar pelo investimento, pelo reforço do investimento no SNS”, rematou.

“Nós não aceitamos a ideia de que se adia o SNS por um ano e daqui a um ano logo vemos como fica”, avisou, defendo que “é preciso mais investimento no SNS e não desviar recursos públicos do SNS para o privado”.

O DN contactou fontes do PSD próximas da área da Saúde sobre este tema, mas até ao fecho desta edição nenhuma se pronunciou.

vitor.cordeiro@dn.pt



Opinião
Luís Newton

O longo inverno socialista

Durante os primeiros anos de um longo inverno socialista, Lisboa conheceu uma única grande obra: a mudança de trânsito na Avenida da Liberdade, alegadamente para reduzir as emissões de CO_2, no eixo mais poluído da capital.

Gastaram-se milhões.

Hoje, é já evidente que a única redução que teve lugar foi a da qualidade de vida dos Lisboetas, com o aumento de trânsito, a diminuição da velocidade de circulação e… o aumento da poluição. Provocado, precisamente, pelo congestionamento permanente do tráfego naquela via central da cidade.

Esse inverno, que os Lisboetas se recusaram a prolongar nas autárquicas de 2021, foi aquele dos cartazes apregoando 14 centros de Saúde. Que não existiam e ainda hoje não existem. E comprovando assim a principal diferença entre a propaganda do PS e as divulgações associadas ao cumprimento do mandato de Carlos Moedas. Ou seja, entre os socialistas, que prometem e não cumprem, e a coligação 'Novos Tempos', que divulga a obra executada e cumprida.

Anuncia a entrega de habitações a famílias que foram desamparadas durante o longo Inverno Socialista, mas que agora, e obedecendo ao "Mantra de Moedas", nenhum lisboeta fica para trás, todos têm oportunidade de procurar uma vida mais estável.

Faz propaganda às obras em curso do Programa Geral de Drenagem de Lisboa, obedecendo ao "Mantra de Moedas", de que pensar cidade é antecipar soluções para evitar as tragédias do futuro.

E até faz publicidade aos bons resultados obtidos com a Jornada Mundial da Juventude.

Lembra-se?

Aquele evento, que a poucos meses da chegada de Sua Santidade o Papa Francisco, tinha tudo por fazer e ninguém se queria responsabilizar, já que a única coisa que o Comissário, contratado a peso de ouro pelo Governo (o tal Zé – José Sá Fernandes – que só fez falta ao Inverno Socialista), tinha para apresentar era a proposta da construção de um palco (com custos milionários).

Quando os socialistas começaram a assobiar para o lado, foi Carlos Moedas quem corajosamente assumiu esse projeto, que havia sido irresponsavelmente abandonado pelo Inverno Socialista e que todos disseram que ia fracassar.

Sim, Moedas até conseguiu reduzir os custos do palco e a obra faraónica que o Zé queria. Curioso é que agora até tentam vender que a ideia do palco foi de Carlos Moedas, quando foi do Zé, que Carlos Moedas teve de pôr na ordem (a bem da decência moral).

A visão do PS sobre o trabalho e as ideias deles é um pouco como se D. Afonso Henriques tivesse sido Socialista e depois da conquista de Lisboa tivesse olhado para Almada e dito que Lisboa precisava de uma ponte para chegar à outra margem.

Se a ponte só foi construída uns séculos depois, isso para o PS seria irrelevante. Era a prova de que tinha apenas sido concretizada uma obra que eles já tinham idealizado.

E a divulgação do que está feito é importante, até para o exemplo, que para o PS é o mais difícil de aceitar na boa governação: o Plano de Saúde 65+.

Queixa-se o PS que se gastou imenso na publicidade.

Ora, deixo aqui uma pergunta: se não se fizesse publicidade, como é que as pessoas sabiam que existia o programa e como saberiam como se inscrever?

Ao PS nada disso interessa. O que interessa é o número político cego.

Mas há heranças, sim senhora. Uma delas é a dívida que nos deixou o PS por uma multa por violação grosseira, com o caso *RussiaGate*. Aquele em que o PS partilhou ilegalmente com a embaixada da Rússia os dados dos manifestantes que se organizaram em protesto contra… a Rússia. E que se veio a descobrir que no passado era prática comum (a Venezuela, país que deve muito aos direitos humanos, foi outro exemplo).

E agora é só a ponta do icebergue, já que estão vários processos individuais a correr nos tribunais e que poderão resultar em muitas mais multas.

É uma dívida de que o PS não se quer responsabilizar e que os devia envergonhar. Exceto a socialista Ana Gomes, que foi fazer aquele comentário obsceno na conta do "X" de Carlos Moedas.

Essas atitudes é que são ética Republicana, certamente… e que devem orgulhar este PS.

Termino com mais dois exemplos: um do Socialismo Imobilizador e outro do Socialismo de Gaveta.

Ao longo dos últimos anos, o PS deixou degradar um espaço de excelência na cidade de Lisboa: o Centro de Ténis de Monsanto.

Sem soluções e sem dinamização pública, aquele espaço, que deveria estar a servir milhares de Lisboetas, foi sendo arruinado pelo imobilismo socialista.

E agora, quando Carlos Moedas apresenta uma proposta de concessão, já que é reconhecido que nada foi feito, o PS bloqueia.

Porque se calhar o PS quer ver o local ainda mais degradado, só pelo ódio à iniciativa privada. Ou então porque se calhar querem colocar lá o Hotel Social que os socialistas não aceitam na Freguesia de Santa Maria Maior.

Quando são os próprios socialistas a recusarem um projeto de apoio social a pessoas em situação de sem-abrigo, está tudo dito.

Até o Socialismo os socialistas meteram na gaveta…

Em 2021, os lisboetas decidiram que Moedas deveria governar em minoria. Mas também decidiram que o PS não devia governar… nem em minoria.

Só mesmo o PS é que não percebeu isso.

Mas, em 2025, os lisboetas vão-lhes explicar.

Presidente da Junta de Freguesia da Estrela



Opinião
Bernardo Ivo Cruz

E ao 9.º dia, a Democracia saiu à rua

No dia 30 de julho, um assassino de 17 anos atacou uma escola no norte da Inglaterra, matando 3 crianças, incluindo a Alice de Sousa Aguiar. Os acontecimentos que se seguiram são conhecidos: por toda a Inglaterra e também na Irlanda do Norte, grupos de extrema-direita, alimentados por mentiras propagadas nas redes sociais, atacaram Mesquitas, hotéis, escritórios de advogados e organizações públicas e privadas que recebem e apoiam emigrantes e refugiados. Durante oito dias e noites, as instituições democráticas não foram capazes de encontrar uma resposta eficaz para a violência, o racismo e o anti-islamismo que tomou conta das ruas.

Durante esses dias, o recém-chegado primeiro-ministro reuniu três vezes o Gabinete de Crise e traçou um plano de resposta em duas fases. Por um lado, reforçou a capacidade de intervenção das forças de segurança, colocando na rua 6 mil polícias de choque prontos para se deslocarem para qualquer lugar onde pudesse haver confrontos e, por outro lado, criou as condições para que os tribunais pudessem estar abertos 24 horas por dia e acelerar o julgamento de todas as pessoas que fossem presas por participação direta e indireta nos distúrbios.

O ponto de viragem aconteceu quando surgiu uma lista de alvos que a extrema-direita deveria atacar na noite de quarta-feira da semana passada. Esperando-se o pior, o que vimos foram milhares de cidadãos pacíficos, de todas as raças, religiões, nacionalidades, idades e convicções políticas a ocuparem o espaço público e a protegerem os alvos indicados. Ao mesmo tempo, a polícia começou a prender os criminosos que estiveram diretamente envolvidos nos distúrbios ou indiretamente, através de publicações nas redes sociais. E os tribunais condenaram a penas de prisão efetiva de até 3 anos, quem confessou a participação direta nos distúrbios, e a penas menores, quem o fez dos seus computadores.

O que aconteceu, nestas duas semanas de aflição no Reino Unido, mostra que as democracias não são uma certeza e que não podemos ser complacentes ou ignorar as ameaças que desafiam até os sistemas políticos mais antigos e aparentemente sólidos. Mas vimos também que as instituições têm os mecanismos para responder aos extremistas e, acima de tudo, vimos as pessoas de boa vontade saírem para a rua e reocupar o espaço público, defendendo quem estava sob ataque e dizendo de forma audível e em uníssono que o ódio, a discriminação e violência contra quem não nasceu no mesmo país, não reza ao mesmo Deus, não come as mesmas comidas, não veste as mesmas roupas ou não fala a mesma língua não tem lugar nas nossas sociedades. Agora, precisamos chamar as forças moderadas para perceber o que aconteceu e dar as respostas necessárias para proteger a democracia.

> **"Não podemos ignorar as ameaças que desafiam até os sistemas políticos mais antigos e aparentemente sólidos.**

Professor Convidado IEP/UCP

Com orçamento a conta gotas, Instituto de combate às drogas resiste e mantém apoios

TOXICODEPENDÊNCIA O Instituto herdeiro do SICAD entrou em funcionamento em abril. As unidades que estavam sob a alçada das Administrações Regionais de Saúde estão agora na sua dependência, mas essa parte do orçamento não foi transferida. Ainda assim, as pessoas com dependência não ficam sem ajuda.

TEXTO **ISABEL LARANJO** FOTOS **REINALDO RODRIGUES**/GLOBAL IMAGENS

"O ICAD (Instituto para os Comportamentos Aditivos e Dependências) ainda não recebeu a fatia do orçamento que lhe cabe desde que herdou as unidades, e respetivo pessoal, que estiveram na dependência das ARS (Administrações Regionais de Saúde). Segundo João Goulão, o presidente deste instituto constituído a partir do anterior SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências), "essa migração aconteceu a partir do dia 1 de abril e aquilo que era expectável era que a parte correspondente aos últimos três trimestres [entre abril e dezembro de 2024] fosse transferida. Ou seja, o correspondente ao financiamento das ARS para esta área deveria ser transferido para o ICAD", sublinha João Goulão.

Só que isso não aconteceu, "pelo menos de forma clara. Aquilo que tem acontecido são transferências sucessivas, quando temos necessidade de fazer compromissos, pagar ordenados, etc. Só que nunca foi clarificado qual o montante total que teríamos até ao final do ano", acrescenta o presidente do ICAD. "Não é uma situação dramática, mas teríamos vantagem em ter uma clarificação. O ano vai passando, temos tido como que suplementos de financiamento que nos têm permitido manter a atividade. A clarificação do montante total não aconteceu e, provavelmente, já não vai acontecer. Já estamos nas tarefas de construção do orçamento para o próximo ano. E aí, as coisas têm de ficar claras."

Apesar desta situação, "aquilo que vinha de trás tem-se mantido e temos tido, também, capacidade de lançar novas atividades, como é o caso do concurso para a Unidade de Consumo Vigiado Móvel do Porto. Vamos conseguindo fazer o que estava planeado. Não há motivo para alarme, mas há algumas reivindicações por parte, nomeadamente, dos nosso parceiros do setor social e privado, relativamente, por exemplo, à remuneração das convenções para comunidades terapêuticas ou para unidades de recuperação, que pretendem, com toda a justiça, uma atualização desses valores", prossegue João Goulão. "Passámos estas preocupações à tutela [Ministério da Saúde] e está a ser considerado mas, seguramente, só em sede de orçamento de 2025 poderá haver alguma consideração sobre estas matérias."

> *"Aquilo que tem acontecido são transferências sucessivas, quando temos necessidade de fazer compromissos, pagar ordenados, etc. Só que nunca foi clarificado qual o montante total que teríamos até ao final do ano."*
>
> **João Goulão**
> *Presidente do ICAD*

Serviço vertical e fim das respostas assimétricas

No terreno, os meios continuam a trabalhar. O centro das Taipas, uma das Unidades de Desabituação (UD), por exemplo, passou do domínio da ARS Lisboa e Vale do Tejo, para o ICAD. "Felizmente, no Governo anterior e para acabar de concretizar com o atual Governo, voltou a ter-se um instituto nacional [ICAD]. É fundamental, num país pequeno, com dez milhões de habitantes, voltar a ter um serviço vertical. Anteriormente as ARS interpretavam os serviços como queriam, como podiam e como sabiam. A resposta aos problemas era assimétrica. O novo serviço ainda não está a funcionar em pleno, porque ainda não temos orçamento, não temos lei orgânica, mas há uns balões de oxigénio e vai-se mantendo", avança o psiquiatra Miguel Vasconcelos, coordenador da UD das Taipas.

Na UD das Taipas fazem-se consultas, há um serviço de internamento para desabituação das drogas, um centro de dia e um ginásio. "Normalmente, o tratamento é feito em ambulatório, em 90% dos casos. O internamento acontece, geralmente, quando há uma rede social frágil que não permite fazer a desabituação em casa", avança Miguel Vasconcelos.

Para aceder à UD Taipas, não é preciso ultrapassar burocracias. "Quem quiser, basta telefonar para marcar uma consulta. O primeiro contacto é aquilo a que chamamos de 'acolhimento', que recolhemos dos dados do doente, explicamos o que é o serviço, e ele também pode explorar e perceber se é isto que quer. Todos os





Na Sala de Consumo Assistido de Lisboa há uma área apenas dedicada à cocaína *crack* fumada.

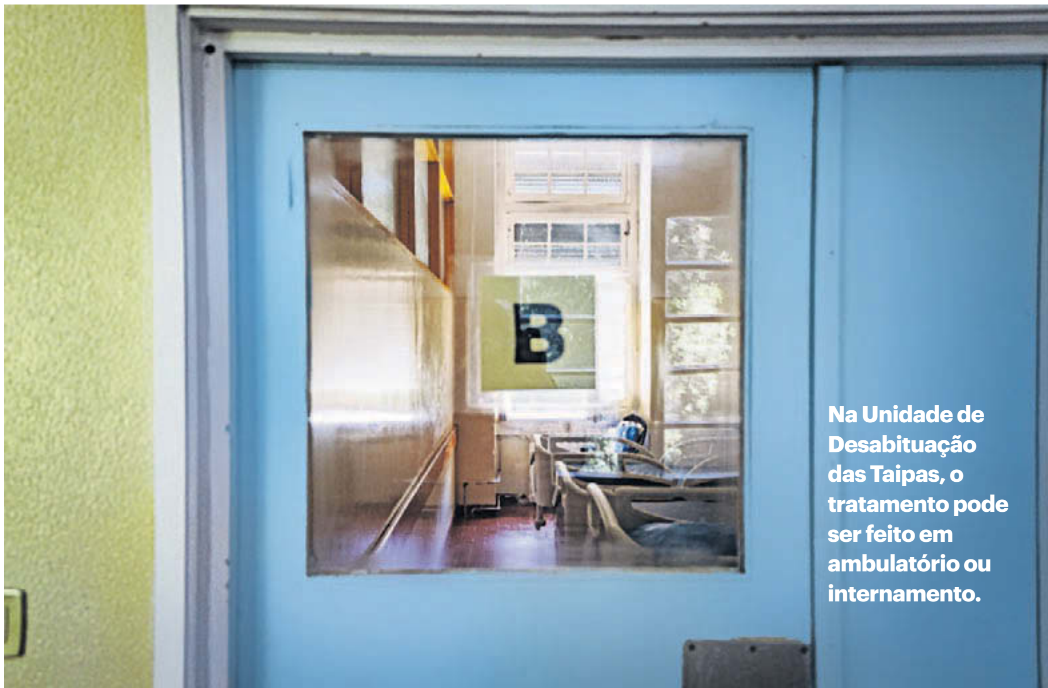


Tiago Praça, 52 anos, começou a consumir droga aos 16. "Parei com a heroína há quatro anos e isto [metadona] permitiu-me ter uma vida minimamente normal."

"Não queríamos que isto fosse apenas um sítio onde as pessoas vêm consumir droga. Queríamos que fosse um serviço de apoio integrado (...). Aqui é uma porta de entrada. O nosso modelo de intervenção é esse: promover a autonomia das pessoas."

Hugo Faria
Ares do Pinhal





Na Unidade de Desabituação das Taipas, o tratamento pode ser feito em ambulatório ou internamento.

doentes têm um psiquiatra, um psicólogo e uma assistente social." Após isto, passa-se, normalmente, ao tratamento. "Entendemos uma substância de consumo como um sintoma de uma doença, que é a dependência. Trabalha-se, com a pessoa, no sentido de estar abstinente."

Alguns doentes passam da UD para uma comunidade terapêutica. Há três comunidades terapêuticas públicas em Portugal: em Lisboa, no Porto e no Algarve.

O DN visitou a comunidade terapêutica do Restelo, em Lisboa, onde estão, neste momento, 17 utentes, 14 homens e três mulheres. Paulo, 52 anos, é um dos internados. Foi consumidor de heroína durante mais de 25 anos. "Conheci a minha companheira e, se queríamos continuar a relação, teria de ter um caminho diferente", afiança.

O tempo mínimo de permanência na comunidade terapêutica é de um ano e a entrada tem de ser voluntária. "A comunidade não tem *staff*, por exemplo na cozinha, porque são os utentes que fazem as coisas. Tudo o que acontece na comunidade é numa lógica de capacitá-los, de lhes dar treino de competências e responsabilidade", avança Maria Cristina Mesquita, psicóloga e coordenadora da comunidade. "Este modelo supõe a desintoxicação física prévia", acrescenta. "Isso é feito nas Taipas, por exemplo."

Além destes dois serviços, diretamente orientados pelo ICAD, existem outros serviços, financiados a 80% por esta entidade e que trabalham numa primeira abordagem aos toxicodependentes. É o caso das equipas de rua, que em Lisboa estão atribuídas à Associação Crescer. "Vamos ao encontro das pessoas nos principais locais de consumo de substâncias psicoativas de Lisboa, em contexto de vulnerabilidade. Pode ser a céu aberto, rua ou com fraca assepsia, como casas abandonadas ou fábricas devolutas", conta Solange Ascensão, coordenadora das duas equipas de rua que trabalham, diariamente, em Lisboa: uma na zona Oriental, outra na zona Ocidental da cidade.

As equipas de rua trabalham a redução de riscos e minimização de danos durante o consumo de drogas, distribuindo *kits* de consumo fumado ou injetado e outros materiais, como preservativos, para prevenir as infeções sexualmente transmitidas. "O nosso atendimento é psicossocial. Aproximamo-nos das pessoas, perguntamos se pudemos ajudar, como é que estão... Estabelecemos uma relação, essa é a parte mais importante do nosso trabalho: ganhar confiança."

Sala de consumo assistido - 20 anos para abrir portas

As equipas de rua distribuem, ainda, entre os dependentes de droga, o medicamento naloxona, capaz de reverter overdoses de opiáceos. "Fazemos também formação para que as pessoas saibam como identificar uma overdose, seja de opiáceos, seja de estimulantes, e como atuar no caso de encontrar uma overdose", acrescenta Solange Ascensão.

Américo Nave, psicólogo, diretor e fundador da Crescer, alerta para a importância do ICAD. "Não é só financeira, mas também do ponto de vista do conhecimento. Haver um instituto só dedicado a esta área dos comportamentos aditivos faz com que se desbrave um certo caminho ao nível do conhecimento científico e que é uma área muito específica. Há uma área de investigação e um saber nesta área". Porém, garante que "houve um desinvestimento nesta área nos últimos 15 anos. Ao haver um desinvestimento não se pode esperar que a situação, na rua, esteja melhor."

As carrinhas de distribuição de metadona são outro apoio para os toxicodependentes. A metadona é um substituto opiáceo que "permite que estas pessoas façam a sua vida normal", sublinha Hugo Faria, psicólogo e um dos coordenadores da IPSS Ares do Pinhal, também responsável pela Sala de Consumo Assistido . Isto se não houver outros consumos associados. "Venho aqui, já não consumo heroína, mas fumo cocaína", revela Tiago Praça, 52 anos, na droga desde os 16. "Parei com a heroína há quatro anos e isto permitiu-me ter uma vida minimamente normal."

Há duas carrinhas a parar, todas as manhãs, em cinco pontos de Lisboa, financiadas a 80% pelo ICAD. A Sala de Consumo Assistido, localizada na Quinta do Loureiro, em Lisboa, é única no país. "A partir de 2016, começaram a aumentar os consumos visíveis, a céu aberto. Isto já estava previsto desde 2001, mas a sala só abriu em 2021 - demorou 20 anos a funcionar. Esteve dois anos como projeto-piloto e, em 2023, passou a projeto público. É financiada em 80% pelo ICAD", recorda Hugo Faria. "Não queríamos que isto fosse apenas um sítio onde as pessoas vêm consumir droga. Queríamos que fosse um serviço de apoio integrado, que providenciasse serviços de higiene básica, alimentação, cuidado de roupa, serviço social, apoio psicológico, serviços de enfermagem e cuidados médicos." Os frequentadores "são as pessoas que não têm condições de higiene e segurança, que de outro modo consomem na rua, num buraco qualquer."

A intervenção vai mais longe: "Aqui é uma porta de entrada. O nosso modelo de intervenção é esse: promover a autonomia das pessoas e ligá-las, de novo, ao sistema de saúde, social, jurídico, etc."

GNR substitui todos os ex-inspetores do SEF nas fronteiras um ano antes do prazo

CONTROLO Despacho das ministras da Administração Interna e da Justiça antecipa fim de funções para mais de 80 inspetores na GNR e PSP.

TEXTO **RUI FRIAS** E **VALENTINA MARCELINO**



RUI MANUEL FONSECA/GLOBAL IMAGENS

Guarda Nacional Republicana ficou responsável por controlo de fronteiras terrestres e marítimas.

Até final de outubro, os cerca de 80 antigos inspetores do SEF que ficaram temporariamente afetos à GNR no controlo de fronteiras terrestres e marítimas serão todos substituídos e cessam funções, um ano antes do prazo limite estabelecido na lei para esse período transitório.

Dos 81 inspetores que cessam funções transitórias até final de outubro - segundo um despacho datado de 9 de agosto e assinado conjuntamente pelas ministras da Justiça, Rita Alarcão Júdice, e da Administração Interna, Margarida Blasco - a esmagadora maioria, 73, estava ao serviço da Guarda Nacional Republicana no controlo marítimo portuário. Apenas oito destes inspetores desempenhavam funções no controlo das fronteiras nos aeroportos, inseridos nas forças da Polícia de Segurança Pública.

Assim, a GNR assegura a substituição de todos os ex-inspetores do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras (SEF) afetos temporariamente à Guarda ,um ano antes do prazo legal limite para o fazer.

"Por acordo entre os dirigentes máximos e as respetivas tutelas, ficou coordenado que o regresso dos Inspetores que ainda prestam serviço na Guarda ocorreria até outubro de 2024, conforme consta em *Diário da República*. Isso permitirá à Guarda garantir outro curso de formação e a substituição dos Inspetores em falta (23 elementos)", referiu ao DN uma fonte da GNR.

> Cerca de 50 inspetores do antigo SEF, que tinham ficado afetos à GNR e à PSP para controlo de fronteiras, já deixaram a função em final de junho. E outros 30 vão fazê-lo até outubro.

Recorde-se que com a extinção do SEF, a 29 de outubro de 2023, a GNR assumiu o controlo das fronteiras terrestres e marítimas (incluindo portos e terminais de cruzeiros), enquanto a PSP ficou com as fronteiras aeroportuárias a seu cargo.

Dos 789 inspetores do SEF então colocados na PJ, 404 ficaram "em afetação funcional temporária junto das forças de segurança": 324 dos quais na PSP e 80 na GNR, para assegurar a continuidade da eficiência no controlo das fronteiras. A afetação era válida por um período de um ano, até outubro de 2024, renovável por mais outro, até ao prazo máximo de outubro de 2025, sendo que, de acordo com o número 6 do artigo 16.º do Decreto-lei 40/2023, "a renovação do regime de afetação funcional transitória prevista no n.º 3 não pode exceder a quota de 50 % do número máximo de efetivos previstos no primeiro ano."

A GNR, no entanto, assegura desde já a completa substituição desses inspetores ao final do primeiro ano, segundo fonte da Guarda, enquanto na PSP continuam para já em funções nos aeroportos mais de três centenas de elementos do ex-SEF, sendo que metade deles terão de ser "devolvidos" à PJ em outubro.

Segundo o recente despacho das ministras da Justiça e da Administração Interna, cerca de 50 inspetores do ex-SEF já deixaram essa afetação até final de junho e foram totalmente integrados na PJ. E outros 30 afetados à GNR vão fazê-lo até final de outubro.

Dos inspetores nomeados neste despacho das ministras da Justiça e da Administração Interna como terminando o período de afetação, o maior grupo desempenhava funções no porto de Lisboa (12), seguindo-se o porto do Funchal (9) e os portos de Leixões, Figueira da Foz, Portimão/Lagos e Setúbal (6 cada).

Tanto a GNR como a PSP têm realizado ações de formação dos seus agentes para o reforço do contingente afeto ao controlo de fronteiras, de modo a libertar os ex-inspetores do SEF "cedidos" pela PJ.

Em julho passado, a GNR anunciou ter encerrado a formação de 47 militares no 1.º Curso de Guarda de Fronteira, ministrado pela Unidade de Controlo Costeiro e de Fronteiras da corporação, criada após a extinção do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Já a PSP espera formar até 2025 cerca de 1.100 polícias para a segurança aeroportuária e controlo de fronteira, revelou o o diretor nacional-adjunto de Segurança Aeroportuária e Controlo Fronteiriço da PSP, Pedro Teixeira, em maio passado. Até dezembro deste ano, esta força de segurança conta ter 364 agentes dedicados à fronteira.

BREVES

Bebé esquecida no carro mais de três horas

Uma criança de 15 meses foi encontrada sozinha, em Felgueiras, no interior de uma viatura, alegadamente esquecida pelos pais, disse à Lusa fonte da GNR. A criança terá estado nessa situação cerca três horas e meia, sofrendo queimaduras nos braços. De acordo com autoridade policial, a ocorrência foi registada às 12:33, mas o pai ter-se-á esquecido da criança cerca das 09:00, quando estacionou a viatura, para ir trabalhar, no parque de uma unidade industrial, em Cabeça de Porca. Após os primeiros socorros no local, a vítima foi transportada ao hospital, acompanhada por uma equipa da Viatura de Emergência Médica e Reanimação (VMER), mas sendo considerada ferido ligeiro.

INEM vai contratar mais 200 técnicos

O Governo autorizou a contratação de 200 novos Técnicos de Emergência Pré-Hospitalar (TEPH) para o INEM, para reforçar o atendimento e triagem das situações de emergência médica e assegurar a operacionalidade de diversos meios do instituto, foi ontem anunciado. A abertura do concurso, que ocorrerá nos próximos dias, prevê o preenchimento de mais 200 lugares no mapa de pessoal, que passa a contar com 1095 trabalhadores da Carreira Especial de TEPH. A maior oferta de vagas vai para o Norte (90), depois para Lisboa, Vale do Tejo e Alentejo (50). O Centro tem 40 vagas para preencher e região do Algarve 20.

Especialistas preocupados com aumento do número de condutores alcoolizados

CRIME Dados da GNR mostram que só entre 2 e 8 de agosto foram detidos 289 automobilistas por conduzirem sob o efeito de álcool. SPA diz que é fundamental "melhorar a prevenção e a intervenção."

A presidente da Sociedade Portuguesa de Alcoologia (SPA) manifestou ontem "grande preocupação" com o elevado número de automobilistas detidos por excesso de álcool, porque revela que o trabalho feito em matéria de prevenção "tem sido claramente insuficiente."

Joana Teixeira comentava à agência Lusa dados divulgados pela GNR, no fim de semana, segundo os quais foram detidos, entre 2 e 8 de agosto, 289 automobilistas por conduzirem sob o efeito de álcool.

"Estes dados da GNR indiciam uma falta de conhecimento sobre os efeitos do consumo de álcool na população portuguesa, tanto os efeitos sobre a condução, como também sobre a saúde", salientou a psiquiatra e também coordenadora da Unidade de Alcoologia e Novas Dependências do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

Para a presidente da SPA, os números da GNR revelam também que "o que se tem feito em matéria de prevenção dos problemas ligados ao álcool em Portugal tem sido claramente insuficiente", defendendo, por isso, ser necessário "melhorar a prevenção e a intervenção" nesta área, "com medidas que sejam realmente eficazes."

> *"O que se tem feito em matéria de prevenção dos problemas ligados ao álcool em Portugal tem sido claramente insuficiente."*
>
> **Joana Teixeira**
> *Presidente da Sociedade Portuguesa de Alcoologia*

"Os condutores, ao conduzirem sob efeito de álcool, põem em risco a sua vida e a de terceiros, tanto de quem vai no carro também, como de quem vai nos outros carros na estrada", alertou.

Joana Teixeira disse que poderá tratar-se de casos de consumo pontual de álcool ou já de indivíduos com consumo excessivo regular, mas, "de qualquer modo, o princípio 'se conduzir não beba' é fundamental e deve aplicar-se a todos os condutores."

Os dados mais recentes, do V Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na população geral 2022, revelaram que a prevalência de consumo de álcool em Portugal aumentou de 49,1% para 56,4%, entre 2017 e 2022.

"O álcool é um fator de risco identificado pela Organização Mundial de Saúde para mais de 200 doenças e lesões", lembrou a psiquiatra.

Citando os mesmos dados, Joana Teixeira observou que o consumo de substâncias psicoativas ilícitas, ao longo da vida, aumentou mais de 60% em Portugal, desde 2001, "mostrando também nas drogas um crescimento do seu consumo" e que "as medidas de prevenção estão a ser insuficientes."

DN/LUSA


O Povo
já não
tem medo
«FOI HOJE, FOI AQUI QUE
DESTRUÍMOS O FASCISMO»
Diário de Lisboa
Consolidada a vitória do Movimento
170 PIDES
NAS CELAS
-cerca de 200 fugiram

Murais no Bairro 2 de Maio, na Ajuda

FOTOGRAFIA **LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS**

A Câmara de Lisboa, através da Galeria de Arte Urbana (núcleo da Direção Municipal de Cultura do Município de Lisboa), convidou os artistas Mariana Duarte Santos e Tiago Salgado "Regg" a pintarem seis gigantes murais no Bairro 2 de Maio, num projeto que contou com a participação dos moradores deste bairro na Ajuda, Lisboa. Foram escolhidos – com a ajuda de quem aqui vive – um conjunto de obras do espólio do Museu de Lisboa e os artistas reinterpretaram-nas, contando também com as histórias que ouviram da população local. O resultado é patente nos edifícios e gerou ainda uma exposição de fotografia, intitulada *Um Museu, Um Bairro,* que foi exposta no Mercado da Boa Hora e na Casa Azul. Uma forma de mudar por completo um bairro.











Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Julien Montbabut

Chef do Le Monument (1*MICHELIN), Porto

"Adoro a elegância da baleia, que canta para comunicar"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Gostaria de ter o poder de não dormir, para ter ainda mais tempo para fazer coisas.
Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Jurassik Park.
Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Um "Cuy" assado no Peru, é o nome do porquinho da Índia.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Em *Versailles*, com *Louis XIV*.
Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
O Coyote do *Bip Bip e o Coyote*. Nunca desiste.
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Uma dança num casamento, para esquecer.
Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Gostaria de viver um dia num barco de pescadores.
Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
I will survive de Gloria Gaynor.
Se tivesse que viver num filme, qual escolheria e porquê?
Piratas das Caraíbas, para partir numa aventura com o capitão Jack Sparrow.
Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?



DR



Quando era pequeno, adorei um circuito de carros elétricos. Passei horas a ver os carros na pista.
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Uma baleia. Adoro a elegância deste animal gigante, que canta para comunicar
Qual é a sobremesa favorita que nunca recusaria?
Um *Saint Honoré*, uma *pâtisserie* francesa com *pâte a choux* e *Chantilly*.
Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
1 de dezembro. Para fazer a árvore de Natal. São momentos sagrados em família – aqui o *chef* gostava que em França fosse… em Portugal, por sorte, é!
Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Adoro ouvir histórias sobre criminosos.
Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Mike Horn! Para ouvir as suas aventuras.
Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Se você está a sentir-se sozinho,abandonado, achando que ninguém lhe liga, atrase um pagamento!
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Com um triceratopo, para lhe perguntar como os dinossauros desapareceram.
Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Toco saxofone, de forma muita básica, mas isso relaxa-me. Se calhar, aos vizinhos não…
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
O verde. Representa a esperança e a natureza.
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Sim! Uma palavra muito simples, muito comum, que faz a vida mais leve. Há alguns momentos em que, como *manager* duma equipa e também como pai, não posso usar e, infelizmente, tenho de usar o "não".
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma máquina para parar o tempo.





Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Um porta chave. Fui um porco de plástico a fazer cocó.
Se tivesse que comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Queijo francês.
Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Férias de verão na casa da minha avó. Em *Bretagne*. Liberdade total.
Se fosse um meme, qual seria?
Keep calm and drink Champagne.
Qual seria o título da sua autobiografia?
Ao sabor da vida.
Se pudesse ser um personagem de videojogo, quem seria?
Zelda.
Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Pas de bras, pas de chocolate. "Sem braço, não há chocolate."
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Ver meus filhos na escola.
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Ter a possibilidade de lidar a cozinha de um segundo hotel *Maison Albar*, aqui em Portugal.


Menos idas às compras acabam por provocar menos desperdício, lembram os especialistas.

STRINGER / AFP

Inflação desce, mas famílias mantêm-se cautelosas no consumo

RETALHO ALIMENTAR Dados do primeiro semestre mostram que os portugueses continuam a preferir lojas de proximidade, a ir mais vezes às compras, mas a comprarem menos de cada vez.

TEXTO **ILÍDIA PINTO**

Os portugueses continuam a cortar nos gastos no supermercado. Vão mais vezes às compras, mas trazem menos produtos de cada vez que lá vão, baixando, assim, o gasto médio por cesta. Nos primeiros seis meses do ano, cada família foi, em média, 73,1 vezes às compras, ou seja, uma vez a cada dois dias e meio. Em cada uma delas trouxeram para casa uma cesta com 7,6 quilogramas, no valor de 21,86 euros, o que representa um aumento homólogo de 1% na frequência, mas uma quebra de 4% em volume e de 2% em valor. Mesmo assim, o preço médio dos artigos subiu 2% para 2,88 euros. Quase metade do que compraram (48%) foi produtos das chamadas "marcas brancas".

Os dados são do FMCG Monitor 360 da Kantar, e mostram que o consumo fora de casa e a compra de combustíveis se mantiveram dinâmicos na primeira metade do ano, com o primeiro a crescer 7,1% em valor e 9,4% em volume, e o segundo a aumentar 7,3% em valor, mas apenas 2,6% em volume. Já a compra de vestuário e calçado diminuiu drasticamente, com quebras de 19% tanto em valor ,como em volume. Quanto ao segmento alimentar, se é verdade que os números mostram que se fazem cada vez mais refeições fora de casa, nas compras para o lar são os frescos e a alimentação animal as únicas categorias a crescer 2% e 1%, respetivamente.

Para o diretor-geral da Centromarca, a Associação Portuguesa de Empresas de Produtos de Marca, os números da Kantar mostram que, retirado o efeito inflação, o consumo das famílias volta a ter uma evolução mais padronizada, dentro daquilo que é o habitual num mercado maduro. E mesmo os gastos em marcas da distribuição, que no ano passado chegaram a crescer a dois dígitos, mês após mês, este ano estão a perder alguma tração. "A questão da cesta mais curta e da ida mais repetida às compras parece já não ser só uma reação às dificuldades económicas, mas uma alteração de hábitos, uma coisa mais estrutural, até porque começa a vingar a ideia de que este comportamento de compra promove a sustentabilidade e evita o desperdício", defende Pedro Pimentel.

Do lado da Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição, a tónica é colocada na descida da inflação e na melhoria dos índices de confiança dos portugueses, que promovem uma "estabilização do mercado". No entanto, Gonçalo Lobo Xavier, diretor-geral da APED, fala num mercado "muito concorrencial", e com "grande pressão" para que os preços não subam. Quem ganha, assegura, é o consumidor que, "além de ter maior diversidade de oferta, tem maior liberdade de escolha."

O responsável assume, no entanto, alguma preocupação com um eventual aumento dos custos das matérias-primas e o seu impacto no mercado e no consumo. "Tipicamente, em setembro ou outro, poderão existir alguns ajustamentos de preços, porque as matérias-primas têm estado muito impactadas pelo aumento do custo dos transportes, decorrentes dos ataques *houthis* no Mar Vermelho", diz, acrescentando ainda que o setor olha com "alguma preocupação" para o aparecimento de regulamentos europeus que terão, também, efeitos ao nível dos preços dos produtos e, consequentemente, na carteira dos consumidores.

Expectativas

Instado a fazer previsões para o que será o segundo semestre do ano, em termos de retalho alimentar, Lobo Xavier admite que, nesta altura, "é tudo um bocadinho imprevisível ainda", mas assume que uma "estabilização política" no país, com a aprovação do Orçamento do Estado para 2025, "pode ser determinante para que as famílias se sintam mais corajosas no seu investimento no consumo."

Já Pedro Pimentel reconhece que o consumidor está hoje "menos ansioso" do que estava há um ano e que a expectativa do setor é que o segundo semestre possa correr "um bocadinho melhor" do que o primeiro, do ponto de vista da saúde económica das famílias. "A questão da descida das taxas de juro vai ser muito importante, quanto às medidas do IRS logo veremos qual é o seu impacto efetivo, mas entre uma e outra [medida], as famílias terão mais rendimento disponível e esperamos que os consumidores possam ter um comportamento um bocadinho mais risonho na segunda metade do ano", frisa.

Até porque, admite o responsável, "um bocadinho mais de saúde financeira poderá permitir uma maior aproximação entre [os gastos em] marcas próprias e de fabricantes."

ilidia.pinto@dinheirovivo.pt

Cabaz essencial caiu para 136,82 euros

O preço do cabaz alimentar de produtos essenciais desceu e está agora nos 136,82 euros, menos 1,89% do que no mês passado. A análise é da plataforma de comparação de preços de supermercados *kabaz.pt*, que destaca que, dos 45 produtos monitorizados desde o início do ano, 13 têm vindo a ficar mais baratos, com especial destaque para batatas, leite, iogurte grego, bacalhau, pescada ou azeite. Mas o pão, esparguete, arroz carolino, feijão, grão de bico, brócolos e perna de peru são exemplos de alguns cujos preços subiram. Comparar preços entre supermercados e marcas é a recomendação.


PATRICIA DE MELO MOREIRA / AFP

Empresa e representantes dos trabalhadores não chegaram a acordo.

Governo decreta serviços mínimos na greve da easyJet, sindicato não poupa críticas

PARALISAÇÃO Tripulantes de cabine estarão em protesto entre as 0 horas de quinta-feira e as 24 horas de sábado.

O Governo decretou serviços mínimos para a greve de tripulantes de cabine da *easyJet*, entre quinta-feira e sábado, que asseguram ligações à Madeira, Genebra, Luxemburgo e Londres, após falta de acordo entre a empresa e os representantes dos trabalhadores. O Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil (SNPVAC) considera que os serviços mínimos decretados quase anulam o direito à greve no arquipélago.

"É como se anulassem o nosso direito à greve para o arquipélago da Madeira, uma vez que quase todas as ligações para lá estão a ser asseguradas pelos serviços mínimos e não conseguimos compreender assim tão bem, dada toda a oferta disponibilizada por outras companhias também para o arquipélago da Madeira", disse à Lusa Ana Dias, do SNPVAC.

Em despacho conjunto dos ministérios das Infraestruturas e do Trabalho, publicado no *site* da Direção-Geral do Emprego e das Relações do Trabalho (DGERT), refere-se que a determinação dos serviços mínimos contempla os serviços considerados "necessários para suprir as necessidades sociais impreteríveis referentes ao direito constitucional à deslocação", atendendo-se ao número de dias da greve, à época abrangida, "em que, por razões sociais, se assiste à deslocação de um número significativo de pessoas e ao facto de nos encontrarmos em pleno verão IATA (nomenclatura aeroportuária da *International Air Transport Association*), bem como a necessidade de salvaguarda da continuidade territorial das Regiões Autónomas."

O Governo decretou serviços mínimos obrigando a assegurar ligações à Madeira, Genebra, Luxemburgo e Londres, a partir de Lisboa, Porto e Faro. O SNPVAC sinalizou também a "novidade" dos serviços mínimos a partir de Faro, algo que não tinha acontecido nas últimas três greves na *easyJet*.

"Por exemplo, para Londres [partida de Faro] havia alternativas, só no primeiro dia de greve, havia 19 ligações de outras companhias, e para o arquipélago da Madeira também havia outras alternativas, obviamente que as taxas de ocupação já não são as melhores, neste momento, mas ainda havia muitas alternativas", realçou a sindicalista.

Ainda assim, à exceção destas duas questões, o sindicato considerou que os restantes serviços mínimos são "razoáveis", tendo em conta a proposta que a *easyJet* tinha feito, que considerou "completamente desproporcional."

DN/LUSA



Opinião
Armindo Monteiro

Os preconceitos económicos atacam outra vez

Já perdi a conta à quantidade de vezes que os sindicatos tentam em vão limitar os horários do comércio durante os dias úteis e também ao domingo. Um jornal noticiou a insistência assim: "Lojas fechadas aos domingos e feriados? Ainda não deverá ser desta vez." Quando uma exigência é rejeitada constantemente pela esmagadora maioria dos partidos políticos com assento parlamentar, quando até as petições perdem flagrante força – têm um número de assinaturas cada vez menor –, seria importante que os representantes dos trabalhadores percebessem esse sinal inequívoco da sociedade.

Tudo isto, todas estas ideias fazem parte da velha e gasta ideia de que os empresários, sejam eles grandes, pequenos ou médios, vivem da exploração. Haverá casos assim? Certamente, como há bons e maus advogados, bons e maus jornalistas. Há sempre bom e mau e médio em tudo. No entanto, a esmagadora dos empresários preocupa-se com o serviço que presta. Há concorrência, a escolha das pessoas é absolutamente fundamental em tudo. Preservar e cultivar o talento, além de premiar a dedicação e o esforço são, por essa razão, o motor de qualquer empresário que queira prosperar – ninguém triunfa sozinho. O tempo premeia sempre os bons e penaliza a má gestão.

Acresce a isto que as novas gerações, e estou a pensar concretamente nas Z e Alpha, nascidas de 1995 em diante, embora não apenas nelas, têm um sentido de exigência de certa forma maior – e ainda bem que é assim. A evolução da lei também tem de ser sublinhada e ela hoje em dia protege os trabalhadores como nunca protegeu. Quem trabalha ao fim de semana ou à noite tem justamente benefícios financeiros, ganha mais, as horas extra também são remuneradas e há limites a cumprir, ou seja, o enquadramento legal é tudo menos permissivo ou lasso. Todos os empresários o sabem. O caso português é ainda mais paradigmático: a quantidade de regras e obrigações é imensa e por vezes até excessiva. É tudo regulado, esquecendo-se o legislador que cada regra custa sempre dinheiro a alguém.

Estamos em agosto, há muitas pessoas de férias, outras estão a trabalhar, mas seja como for há maior tranquilidade no ar, este seria o tempo ideal para olharmos para o que nos rodeia com menos parcialidade e maior abertura. Preocupa-me muito a tendência europeia – e não apenas a obsessão portuguesa – para complicar e dificultar. Será que não salta à vista de todos a falta de investimento na União Europeia e que o excesso de intervenção do Estado está a atrasar-nos face aos EUA e à Ásia? Estamos a onerar e dificultar o que é mais natural no ser humano: a necessidade de evoluir, melhorar e avançar. A vontade de empreender está a ser condicionada.

> **Fechar o comércio ao domingo? Seria um pesadelo para milhares de pequenos e médios empresários. Perder-se-iam também milhares de empregos.**

Obviamente, o Estado Social tem de ser protegido, os direitos dos trabalhadores têm de ser preservados, mas é um delírio pensar que um país como Portugal pode ter regras e mais regras – e mais uma nova camada por cima – que, na verdade, apenas prejudicam a vida das pessoas. Fechar o comércio ao domingo? Seria um pesadelo para milhares de pequenos e médios empresários. Perder-se-iam também milhares de empregos, alguns deles importantes na vida de estudantes-trabalhadores que precisam desta flexibilidade horária. E seria também desastroso para as famílias que fazem as suas compras semanais à noite ou ao domingo. Queremos concentrar tudo ao sábado? Queremos afunilar mais ainda as oportunidades? Claro que não. A riqueza não nasce do nada. Tem exigências, implica esforço. Nunca nos podemos esquecer disto. Não há almoços grátis – uma lição já velhinha, mas que ainda não foi compreendida por todos.

Presidente da CIP



Em Haifa, junto à fronteira com o Líbano, as autoridades de emergência estão a funcionar.

AHMAD GHARABLI / AFP

EUA dizem que Irão pode fazer ataque "significativo" a Israel esta semana

TENSÃO Telavive aprovou planos para "diferentes frentes", enquanto que Teerão, depois de ter instalado sistemas de radar, mísseis e drones, iniciou manobras militares perto da fronteira com o Iraque.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O Irão poderá lançar um ataque "significativo" contra Israel ainda esta semana, garantiu esta segunda-feira a Casa Branca, enquanto o presidente norte-americano, Joe Biden, discutia a crise no Médio Oriente com vários líderes europeus. "Temos de estar preparados para o que poderá ser um conjunto significativo de ataques", disse o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, referindo que "compartilhamos as mesmas preocupações e expectativas que os nossos homólogos israelitas têm em relação a um potencial *timing*, [que] poderá ser esta semana."

Os comentários de Kirby foram feitos no dia em que se soube que os Estados Unidos enviaram um grupo de ataque de porta-aviões e um submarino com mísseis guiados para a região, numa demonstração de apoio a Israel, depois de o Irão e o Hezbollah terem prometido vingar os assassinatos em julho do chefe político do Hamas, Ismail Haniyeh, e do comandante do movimento libanês, Fuad Shukr. Ontem, Biden falou ao telefone com os líderes da França, Alemanha, Itália e Reino Unido para discutir as tensões crescentes no Médio Oriente. Esta conversa serviu "em grande parte para que todos os líderes repetissem o que disseram antes em termos de reafirmar a defesa de Israel" e "enviassem uma mensagem forte de que não queremos ver qualquer aumento da violência, quaisquer ataques do Irão ou dos seus representantes". Emmanuel Macron, Olaf Scholz, Giorgia Meloni e Keir Starmer também pediram um cessar-fogo entre Israel e o Hamas em Gaza, que terá mais um difícil capítulo de negociações marcado para quinta-feira.

> Washington decidiu enviar um grupo de ataque de porta-aviões e um submarino com mísseis guiados para a região, em apoio a Israel.

Entretanto, em Telavive, o exército israelita aprovou ontem planos para "diferentes frentes" face a um possível ataque do Hezbollah e do Irão, com o chefe do Estado-Maior General Herzi Halevi a reunir-se com altos responsáveis militares para discutir a situação. "O chefe do Estado-Maior sublinhou a manutenção de um elevado nível de alerta e os esforços de preparação tanto para a ofensiva como para a defesa", referiu um comunicado militar. Já o ministro da Defesa Yoav Gallant afirmou que as suas forças estão em estado de "vigilância e preparação" para a possibilidade de um ataque de retaliação iminente pelos assassínios de Haniyeh e Shukr. E reiterou ainda que as capacidades defensivas e ofensivas do país foram reforçadas nos últimos dias.

Por outro lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Israel Katz, alertou ontem que o Irão e o Hamas estão a contrabandear armas e dinheiro para a Jordânia "para desestabilizar o regime" e gerar "uma nova frente terrorista contra Israel no leste", que afetaria as populações da região. "Hoje o eixo iraniano do mal controla os campos de refugiados na Judeia e Samaria através dos seus afiliados e deixa a Autoridade Palestiniana sem poder para agir. Devemos atacar centros terroristas como o campo de refugiados de Jenin e realizar uma campanha completa para desmantelar a infraestrutura terrorista", sublinhou Katz na rede social X, defendendo também a construção de um muro defensivo na fronteira com a Jordânia, que tem atuado como aliada de Telavive nos últimos meses, nomeadamente com a colaboração na deteção e abate dos foguetes, drones e mísseis lançados por Teerão contra Israel em abril.

Esta segunda-feira, foi ainda noticiado que a Guarda Revolucionária do Irão iniciou manobras militares perto da fronteira com o Iraque, um país próximo de Israel, com o objetivo de reforçar as "capacidades de combate e vigilância" das forças iranianas, especialmente na sequência do ataque de 31 de julho, de acordo com a agência de notícias IRNA. Teerão instalou na semana passada sistemas de radar, mísseis e drones no Oeste do país para fazer face a "todos os tipos de ameaças."

ana.meireles@dn.pt

Zarif demite-se da vice-presidência

O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão, Javad Zarif, que negociou um acordo nuclear histórico em 2015 com as principais potências mundiais, anunciou ontem que renunciou ao seu novo cargo de vice-presidente. "Para evitar quaisquer suspeitas ou desculpas para interromper o trabalho do Governo, renunciei ao cargo de vice-presidente para assuntos estratégicos na semana passada", disse Zarif no X, menos de duas semanas após o recém-eleito presidente reformista, Masoud Pezeshkian, tê-lo escolhido para vice. Zarif citou vários motivos para a renúncia, principalmente a sua deceção com a formação do gabinete de 19 membros. A lista atraiu críticas entre os reformistas pela inclusão de conservadores do Governo do falecido presidente, Ebrahim Raisi.



HANDOUT / TELEGRAM / @GLAVAIGORKUTSAK / AFP

Autarca de Kursk divulgou imagens de um fogo num prédio residencial causado por um ataque.

Putin ordena a tropas para eliminarem ataque de Kiev

GUERRA Ucrânia afirma controlar cerca de mil quilómetros quadrados em território russo. Cerca de 121 mil pessoas já foram retiradas de Kursk.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Vladimir Putin ordenou ontem ao exército que "expulse" as tropas de Kiev que entraram em território russo, numa altura em que as autoridades dizem que 121 mil pessoas pessoas já foram retiradas da zona da fronteira com a Ucrânia. Kiev lançou uma ofensiva surpresa na região de Kursk, no oeste da Rússia, na última terça-feira, capturando mais de duas dúzias de assentamentos no ataque transfronteiriço mais significativo em solo russo, desde a Segunda Guerra Mundial. "Um dos objetivos óbvios do inimigo é semear discórdia, conflito, intimidar as pessoas, destruir a unidade e a coesão da sociedade russa", afirmou esta segunda-feira o presidente russo Putin, numa reunião com autoridades do Governo. "A principal tarefa do Ministério da Defesa, é claro, é expulsar o inimigo dos nossos territórios", acrescentou.

Cerca de 121 mil pessoas fugiram da região de Kursk desde o início dos combates, que mataram pelo menos 12 civis e feriram mais 121, avançou o governador regional Alexei Smirnov na reunião com Putin. As autoridades em Kursk anunciaram ontem que a área de evacuação estava a ser ampliada, para incluir o distrito de Belovsky, onde vivem cerca de 14 mil pessoas. A região vizinha de Belgorod também revelou que estava a evacuar o distrito fronteiriço de Krasnoyaruzhsky.

Smirnov explicou ainda a Putin que a Ucrânia avançou pelo menos 12 quilómetros na região e capturou 28 cidades e vilas, com a nova frente de 40 quilómetros de extensão. "Continuamos a efetuar operações ofensivas na região de Kursk. Neste momento, controlamos cerca de mil quilómetros quadrados do território da Federação da Rússia", declarou ontem, por seu turno, o comandante das Forças Armadas ucranianas, Oleksandre Syrsky, num encontro com o presidente Volodymyr Zelensky.

> Presidente russo garante que "o inimigo receberá uma resposta digna" e que um dos objetivos de Kiev é "semear discórdia" e "intimidar as pessoas."

De acordo com a Reuters, na reunião desta segunda-feira, Vladimir Putin referiu ainda que a Ucrânia, "com a ajuda dos seus mestres ocidentais", estava a tentar melhorar a sua posição numas possíveis futuras negociações, questionando que conversações poderão haver com um inimigo que ataca indiscriminadamente civis russos e instalações nucleares, numa referência ao incêndio do fim de semana na central de Zaporíjia, sobre o qual os dois países têm trocado acusações quanto à autoria do mesmo.

Um alto funcionário ucraniano referiu à AFP que a incursão surpresa de Kiev tinha como objetivo desestabilizar o país, após meses de lentos avanços russos na linha de frente. Ontem, Putin garantiu que a Rússia responderá mostrando "apoio unânime a todos aqueles em perigo" e afirmou que houve um aumento de homens a alistarem-se para lutar. "O inimigo receberá uma resposta digna", disse Vladimir Putin.

ana.meireles@dn.pt



Eduardo Campos tinha 49 anos quando foi vítima do desastre aéreo.

EVARISTO SA / AFP

Eduardo Campos morreu há dez anos mas o legado vive

BRASIL Candidato presidencial em 2014 foi vítima de desastre aéreo, a meses da eleição. Hoje, o filho é prefeito do Recife. E o seu partido, o PSB, chegou à vice-presidência do Brasil.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA**, SÃO PAULO

No dia 13 de agosto de 2014, Eduardo Campos saiu do Rio de Janeiro, onde havia dado entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, e partiu para uma ação de campanha em Santos. À chegada à cidade do estado de São Paulo, no entanto, a aeronave onde o candidato à presidência da República, nas eleições de dali a dois meses, voava caiu num bairro residencial da região. Campos, dois pilotos, um assessor e três jornalistas morreram.

O Brasil ficou em choque com a morte de um dos mais promissores políticos do Brasil, de 49 anos, governador de Pernambuco de 2007 até abril daquele ano, quando abdicou do cargo para concorrer à presidência pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), a força política cuja história se confunde com a do seu avô, Miguel Arraes, falecido em 2005, também num dia 13 de agosto.

> Dez anos depois, o "eduardismo", como era chamada a corrente política em torno de Campos, continua muito vivo em Pernambuco: o filho, João Campos, concorreu em 2020 à prefeitura do Recife e venceu a prima, Marília Arraes.

Campos decidiu candidatar-se em 2014 para "nacionalizar" o seu nome, já perfeitamente estabelecido em Pernambuco, e tentar ocupar um suposto espaço eleitoral entre Dilma Rousseff, que se recandidatava pelo Partido dos Trabalhadores (PT), e Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira. Ex-ministro da Ciência e Tecnologia de Lula da Silva, o surpreendente candidato conseguiu convencer Marina Silva, que não pôde concorrer ao Planalto por não conseguir registar a tempo o seu novo partido, o Rede, a ser a sua vice-presidente.

Com a queda do Cessna Citation 560XLS+, às 10.00 horas da manhã do dia 13 de agosto, no quintal de uma casa no bairro do Boqueirão, em Santos, e a consequente morte do candidato, Marina herdou a posição de Eduardo. A ambientalista teve 21% dos votos, insuficientes para passar à segunda volta, quando Dilma acabou por bater Aécio por mais de três milhões de votos.

Dez anos depois, o "eduardismo", como era chamada a corrente política em torno de Campos, continua muito vivo em Pernambuco: o filho, João Campos, eleito deputado federal em 2018, aos 24 anos, sob o *slogan* "o filho da esperança", concorreu em 2020 à prefeitura do Recife e venceu a prima, Marília Arraes, que depois se candidatou a governadora de Pernambuco mas perdeu para Raquel Lyra, uma ex-secretária de Campos no executivo estadual. E na política nacional, depois de o PT, de Lula, e o PSB, de Campos, manterem por décadas uma relação ora de aproximação, ora de afastamento, a vice-presidência da República está hoje nas mãos dos socialistas, através de Geraldo Alckmin.

Para assinalar o desaparecimento do líder, no sábado, 10, dia em que Campos faria 59 anos, o PSB abriu oficialmente o "Ano Eduardo Campos", que vai durar até agosto de 2025, com o tema "60 anos, Um Legado". "A nossa intenção não é apenas registar a data da morte mas celebrar a vida de Eduardo, ele permanece vivo na política de Pernambuco, as referências ao seu governo, ao seu modelo de gestão, são constantes", disse Sileno Guedes, presidente do PSB, citado pelo *Jornal do Commercio*. "Além disso, ainda há João (Campos), que reacende a lembrança", prosseguiu, em referência ao prefeito de Recife, filho de Campos.

Ontem, a Assembleia Legislativa de Pernambuco realizou uma sessão solene em homenagem ao ex-governador. Está também agendada para hoje a celebração de uma missa em memória dos 10 anos da morte de Campos e pelos 19 anos do falecimento do seu avô, Miguel Arraes. Na Câmara dos Deputados, em Brasília, haverá hoje uma sessão solene para "homenagem à vida e ao legado de Eduardo Campos."

BREVES

TPI atento a violência na Venezuela

O procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI) afirmou ontem que está "a acompanhar ativamente os acontecimentos atuais e recebeu inúmeros casos de violência e outras denúncias", na sequência dos distúrbios após as presidenciais de 28 de julho, dizendo ainda que "iniciou um diálogo com o governo venezuelano, ao mais alto nível, para destacar a importância de garantir o respeito pelo Estado de direito neste momento." O candidato da oposição, Edmundo González Urrutia, reivindica a vitória nas eleições, nas quais Nicolás Maduro foi declarado vencedor para um terceiro mandato. Esta proclamação gerou protestos que resultaram em 24 mortes, segundo organizações de direitos humanos.

Sudão está em "ponto de rutura catastrófico"

A situação humanitária no Sudão está a atingir "um ponto de rutura catastrófico", comunicou ontem a Organização Internacional para as Migrações. Segundo o comunicado na OIM, esta situação humanitária, em que as condições de vida estão gravemente degradadas, é o resultado da fome, devido ao conflito armado que dura há cerca de 16 meses e agravada pelas inundações. A OIM salientou que os peritos internacionais do Comité de Revisão da Fome confirmaram, na quinta-feira, "a existência de condições de fome no campo de Zamzam, perto da cidade de Al Fasher, no Darfur do Norte, onde vive meio milhão de pessoas deslocadas."



Análise
Germano Almeida

"Devemos, devemos, devemos derrotar Trump"

O que levou Joe Biden a aceitar as pressões para desistir? A evolução nas sondagens, desde 21 de julho, dão a resposta rápida: o Presidente dos EUA não era, pela fragilidade que denotou nas semanas anteriores, a solução para evitar o regresso de Trump. E Kamala Harris, em poucos dias, mostrou estar muito mais bem colocada para oferecer, a 5 de novembro, uma vitória aos democratas.

Na entrevista a Robert Costa, na *CBS News*, Joe deixou bem vincada a ideia dominante que levou à sua decisão, pessoalmente tão difícil de tomar, mas historicamente correta, atendendo ao tanto que está em jogo: "Devemos, devemos, devemos derrotar Trump."

Resume-se quase tudo a isto.

Nessa entrevista ao *CBS Sunday Morning*, Biden foi pragmático: o que o levou a abandonar a corrida à reeleição foi exatamente o mesmo que o fez concorrer em 2020: manter a democracia e derrotar Trump. Salvar a democracia dos EUA foi sempre, para o ainda Presidente dos EUA, mais importante do que a ambição pessoal. Nem todos o fariam. Donald Trump certamente não o faria – basta recordar o que aconteceu a 6 de janeiro de 2021.

Biden, na conversa com Robert Costa, foi sempre muito elogioso em relação a Kamala Harris e mostrou acreditar que a sua vice tem todas as condições para estar à altura da História, impedindo Trump de voltar à Presidência dos Estados Unidos.

Mas Joe foi mais longe: falou num "ponto de inflexão na história mundial".

O processo difícil – mas correto – de abandonar a corrida

Na primeira entrevista de fundo após a desistência da candidatura, Joe Biden contou: "O que aconteceu foi que vários dos meus colegas democratas na Câmara e no Senado pensaram que eu iria prejudicá-los nas disputas. E fiquei preocupado que se continuasse na disputa, esse seria o assunto."

Joe Biden tem uma história de vida singular.

A dor tremenda que viveu dias depois de ter sido eleito, aos 29 anos, para o Senado dos EUA (e ainda antes de tomar posse) definiu todo o seu percurso. Joe perdeu a mulher, Neilia, e a filha, Naomi, num acidente de automóvel. No carro seguiam as duas e ainda os filhos Hunter e Beau. Joe estava a montar o seu gabinete em Washington. A irmã Valerie recebeu um telefonema. Pela cara com que a irmã reagiu ao que ouvia, o futuro senador percebeu o que estava a acontecer.

O seu percurso no Capitólio começava da forma mais trágica possível: prestou juramento no hospital, com os filhos a recuperarem de lesões graves. Decidiu ir todos os dias de comboio de Washington DC para casa, em Wilmington, Delaware. Com o passar dos anos isso foi moldando a "marca Biden": alguém profundamente empático, que consegue perceber o sofrimento do outro.

Ora, isso é fundamental para perceber como foi capaz de derrotar Trump em 2020 e como, desta vez, soube sair a tempo: ao contrário de Hillary, vista como "da elite" e "desligada da realidade", e também de Trump, visto por muitos segmentos como um Presidente que não soube perceber o sofrimento causado pela pandemia, Joe é visto como "um tipo normal – que também tem problemas – como nós."

Um momento chave: Charlottesville

Joe Biden não tinha planeado concorrer à presidência depois de Trump ter sido eleito em 2016. Só que depois ocorreu a violenta manifestação de supremacistas brancos em Charlottesville, Virgínia, em 2017, na qual um contramanifestante foi morto.

Quando foi eleito pela primeira vez em 2020, Biden disse que se via como uma figura de transição da presidência de Trump. Afastar-se da corrida era apoiar o que chamou de questão crítica para ele: "Manter esta democracia." Joe insistiu, ao longo da entrevista, neste perigo constante: Donald Trump e um possível regresso à Casa Branca. Trump é "um perigo genuíno para a segurança americana."

Questionado se estava confiante de que haveria uma transferência pacífica de poder em janeiro de 2025, Biden disse: "Se Trump perder, não estou nada confiante. Ele fala sério, toda aquela coisa de 'Se perdermos, haverá um banho de sangue, terá de ser uma eleição roubada'."

Biden não esconde que a sua maior preocupação continua a ser integridade eleitoral: "Veja o que eles estão a tentar fazer agora nos distritos eleitorais locais, onde as pessoas contam os votos, ou colocando as pessoas em estados onde contarão os votos, certo?" O tema foi decisivo na sua eleição presidencial de 2020 e também levou a um bom resultado surpresa dos democratas nas intercalares de 2022.

Os objetivos até ao fim do mandato

Joe tem três grandes desígnios a cumprir até passar a presidência a Kamala ou Donald: 1) um grande acordo de paz no Médio Oriente (ou, pelo menos, deixar uma situação mais estável na região); 2) o reforço das condições de segurança da Ucrânia, perante a ameaça existencial para o espaço europeu que representa a agressão russa; 3) a defesa da Democracia nos Estados Unidos – e como isso pode ser chave para que as democracias liberais prevaleçam perante o avanço das autocracias (ideia crucial para o seu mandato presidencial 2021-2025).

E para o reforço deste ponto 3, Biden já lançou propostas, cuja aprovação no Congresso (com maioria republicana na câmara baixa) será virtualmente inviável , mas que ficam como "statement" presidencial, para que noutra altura venham mesmo a ser concretizadas.

> **Biden pretende deixar, escrito na pedra, o que considera essencial para preservar a Democracia americana. Será esse o seu principal legado.**

A principal delas passa por "reformas urgentes no Supremo Tribunal": neste momento o Supremo tem seis juízes conservadores e três liberais – um desvio ideológico muito à direita em relação ao que é a América de 2024. "Tenho um grande respeito pelas nossas instituições e pela separação de poderes estabelecida na nossa Constituição", declarou Biden em Austin, Texas, quando apresentou a proposta. "Mas o que está a acontecer agora não é consistente com a doutrina da separação de poderes."

Biden exige emenda constitucional para anular a recente decisão do Supremo Tribunal que apoia as reivindicações de imunidade presidencial de Trump, acusado de diversos crimes.

O atual Presidente pretende ainda limitar o número de mandatos dos nove juízes do Supremo, que atualmente exercem funções vitalícias, a 18 anos, com novos juízes nomeados de dois em dois anos. Isto "reduziria o risco de uma única presidência impor uma influência indevida sobre as gerações futuras".

Biden apela também à adoção de um código de ética vinculativo, semelhante ao que se aplica aos juízes federais, na sequência de uma série de escândalos. Pede uma emenda apelidada de "*No One is Above the Law Amendment*" ("Ninguém Está Acima da Lei"), segundo a qual a Constituição, "não confere qualquer imunidade de acusação criminal federal, julgamento, condenação ou sentença em virtude de se ter servido anteriormente como presidente."

Claro que é politicamente arriscado lançar estas ideias quando a hipótese de vingarem politicamente até 20 de janeiro de 2025 é reduzida. Por outro lado, pode haver quem considere que a estratégia de campanha de Kamala pode sair prejudicada, caso o foco das atenções se distraia para as tentativas infrutíferas do Presidente. Mas Biden pretende deixar, escrito na pedra, o que considera essencial para preservar a Democracia americana.

Será esse o seu principal legado.

Especialista em Política Internacional

Da ética ao aumento de apoios e praticantes. Legado de Constantino vai além das medalhas

ÓBITO Presidente do Comité Olímpico de Portugal morreu no último dia dos Jogos Olímpicos Paris2024. Tinha 74 anos.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**



A morte de José Manuel Constantino, horas antes da cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos Paris2024, é quase poética, tendo em conta que ele fez coincidir o sonho de uma vida com os melhores anos do olimpismo português, com a conquista de nove medalhas desde o Rio2016, primeiro de três Jogos na presidência (*ver fotografias*). Nascido em Santarém em 21 de maio de 1950, o pensador do desporto que inspirou gerações de atletas, liderava o Comité Olímpico de Portugal (COP) desde 2013.

Apesar de debilitado ainda foi a Paris cumprir o dever da Missão. Esteve na Aldeia Olímpica com a comitiva e conseguiu ver a primeira das quatro medalhas portugueses (o bronze da judoca Patrícia Sampaio) nos melhores Jogos de sempre para as cores nacionais.

O respeito pelo atletas é, aliás, um exemplo do enorme legado que deixa e que é destacado por Telma Monteiro e Fernando Pimenta. "Lembro todas as vezes que me ligou a dar os parabéns, a perguntar como eu estava e me sentia, as vezes que nos visitou em estágios, as vezes que esteve ao nosso lado em conquistas importantes", contou o canoísta, lamentando não lhe ter dado nova medalha Paris, depois do bronze em Tóquio2020 e da prata em Londres2012 (esta em dupla com Emanuel Silva e ainda antes do gestão de Constantino à frente do COP). Pimenta promete tentar ir a Los Angeles2028. "Não vou desistir, como você nos mostrou mesmo em momentos mais difíceis da sua saúde", afirmou recordando José Manuel Constantino.

"O presidente", como lhe chamavam os atletas com reverência e simpatia, teria gostado de ver os portugueses aplaudir os medalhados de ouro Rui Oliveira e Iúri Leitão no regresso a Portugal. "Foi uma tristeza grande para todos nós. Uma pessoa que ajudou a conquistar tudo o que temos hoje. Espero que esteja feliz pela nossa conquista. Ainda conseguiu ver a nossa corrida e espero que esteja orgulhoso. Fizemos tudo o que esteve ao nosso alcance para homenageá-lo", disse Rui Oliveira, um dos dois últimos campeões olímpicos da era Constantino.

Prestígio e dinheiro para o COP

"Cidadão inquieto e desassossegado", como o definiu o amigo e professor catedrático Jorge Olímpio Bento, governou os destinos da entidade máxima do desporto português com a "ética", que "impregnava também a sua atitude e comportamento e o seu pensamento".

Considerado um dos grandes pensadores sobre o fenómeno do Desporto em Portugal, sendo mesmo reconhecido com os títulos *Honoris Causa* pelas Universidades do Porto (2016) e de Lisboa (2023), fazia muitas vezes alertas sobre a literacia motora e desportiva (ou a falta dela). Afinal foi o único licenciado em Educação Física (1975) a liderar o Comité Olímpico e insistia que o aumento do número de praticantes "é um assunto de elevado grau de complexidade", marcado por desafios como a demografia e "o défice de dados, informação e investigação atualizada".

Travou essa luta até ao fim, segundo o líder da Autoridade Antidopagem de Portugal (ADoP), Manuel de Brito: "Se não há uma subida do número de atletas é impossível ter mais resultados de bom nível. Por outro lado, não se pode só olhar para a prática desportiva usando o conceito vago de atividade física. O José Manuel Constantino falava muito disso. O desporto é uma atividade concreta, estruturada e de um enorme valor social."



PAULO ALEXANDRINO / GLOBAL IMAGENS

José Manuel Constantino liderava o COP desde 2013.

Pedro Pichardo foi o primeiro a dar um ouro, em Tóquio2020 a José Manuel Constantino.

COP

Já o antecessor no cargo, Vicente Moura, reconheceu-lhe "o excelente trabalho" e o "contributo" para o prestígio do Comité, mas fundamentalmente para o desporto português. Segundo Vicente Moura, "é uma ironia" do destino que ele tenha partido num dia em que o país deveria estar satisfeitos por, pela primeira vez em 26 presenças (desde Estocolmo1912), celebrar uma medalha de ouro, duas de prata e uma de bronze: "José Manuel Constantino foi um dos responsáveis por esse êxito." E se Portugal teve o maior apoio de verbas de sempre para preparar Paris2024, muito o deve a ele: "Conseguiu a credibilidade necessária para obter da parte dos Governos um maior apoio financeiro. Depois, apurou bastante bem os projetos olímpicos que se iniciaram no meu tempo, passando a ser geridos com maior rigor e competência por parte das federações, dos treinadores e do COP. Além disso, deixou uma imagem de prestígio, pois era intelectualmente bastante avançado em termos desportivos e não só."

Usar de diplomacia não era sinónimo de ser inativo e muitas vezes criticou o Estado por não ter uma política cultural desportiva. Mérito também reconhecido pelo presidente da Assembleia da República. "Durante o seu mandato, o desporto beneficiou de avanços significativos e a sua morte representa uma enorme perda para o desporto em Portugal", destacou José Pedro Aguiar-Branco, lembrando que a sua liderança e paixão "deixam uma marca indelével no panorama desportivo em Portugal".

"Elevação intelectual"

Com passagens pela Federação Portuguesa de Halterofilismo (1986-1990) e pelo Algés e Dafundo (1985), fez o caminho até ao topo de forma sustentada. Além de ter presidido ao Comité Olímpico de Portugal durante 11 anos, liderou antes a Confederação do Desporto de Portugal e o Institu-



O campeão olímpico Rui Oliveira e Fernando Pimenta seguram Iúri Leitão, o rei de Paris2024, com duas medalhas.

FERNANDO VELUDO/LUSA





O bronze de Telma Monteiro no Rio2016 foi o primeiro que conquistou.

COP

to do Desporto de Portugal (antecedor do Instituto Português do Desporto e Juventude).

A administração pública e a esfera autárquica também marcaram o seu percurso. Foi "pioneiro" na introdução do desporto nas autarquias, a começar pela de Oeiras. Isso não foi esquecido por Filipe Santana Dias, presidente da Câmara de Rio Maior, que tem um Centro de Alto Rendimento: "Grande homem do desporto nacional conquistou tudo o que havia para conquistar, deixando um legado de excelência em todos os cargos que desempenhou com brio, elevação e seriedade. Foi um grande amigo do concelho de Rio Maior."

A "elevação intelectual" destacada por muitos deve ser considerada uma forma de legado para quem vier a seguir. Eleito como sucessor de Vicente Moura em março de 2013, estava a finalizar o terceiro e último mandato no COP (irá a votos antes do Natal). Quem vier a seguir terá o caminho facilitado, mas uma obra difícil de igualar.

O velório é hoje, entre as 10.30 e as 23.00, na sede do COP, em Lisboa, na Travessa da Memória. Amanhã terá lugar um serviço religioso às 10.15 e às 11.00 sairá o cortejo fúnebre em direção a Gondomar, onde será sepultado.

isaura almeida@dn.pt

À terceira será de vez? Carlos Carvalhal volta para liderar Sp. Braga no sonho do título

CHICOTADA Técnico assinou por duas épocas e sucede a Daniel Sousa, despedido após quatro jogos pelos minhotos.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

É o segundo regresso "a casa" de Carlos Carvalhal. O técnico de 58 anos assinou por dois anos pelo Sp. Braga, horas depois do clube anunciar a saída de Daniel Sousa do comando técnico de forma inesperada.

Com mais de 790 jogos como treinador principal (117 deles no banco minhoto), a primeira vez que orientou os *Guerreiros* foi em 2006-07, quando dava os primeiros passos na carreira. Voltou em 2021 e saiu de novo em 2023 para novas aventuras internacionais, nos Emirados Árabes Unidos (Al Whada), Espanha (Celta de Vigo) e Grécia (Olympiacos). Agora regressou.

Natural de Braga, Carvalhal assinou por duas temporadas com o clube liderado por António Salvador e recuperou parte da equipa técnica, que será agora composta por João Mário, João Meireles, Filipe Antunes, Tiago Pires, Eduardo Carvalho e Orlando Silva. Já orientou o treino de ontem e vai (re)estrear-se na quinta-feira, na segunda mão da 3.ª pré-eliminatória da Liga Europa, diante do Servette.

António Salvador virou-se para o técnico que conhece bem para assegurar que pode sonhar com o título que lhe falta a ele como presidente e ao clube. Nos 20 anos que leva na presidência, o Sp. Braga ganhou prestígio e infraestruturas, além de ter crescido desportivamente. Foi vice-campeão em 2009-10, venceu a Taça da Liga em 2012-13 e 2019-20, e a Taça de Portugal de 2016 e 2020. Isto além da extinta Taça Intertoto em 2009 e ter jogado a fase de grupos da Liga dos Campeões em 2010-11 e 2012-13, e ter chegado à final da Liga Europa (perdida para o FC Porto) em 2011. Falta-lhe o título nacional. Missão que agora entregou a Carvalhal.

Daniel Sousa era o 20.º técnico da era Salvador e deixou o comando técnico do Sp. Braga na noite de domingo, protagonizando um dos despedimentos mais rápidos no século XXI. O técnico foi despedido após o empate (1-1) com o Est. Amadora na 1.ª jornada da I Liga 2024-25, juntando-se a Fernando Santos, que deixou o cargo de treinador do Benfica (2007-08) depois de um empate com o Leixões e a Manuel Fernandes (2004-05), que saiu do Penafiel após o desaire de estreia frente ao Vit. Setúbal. Moreno (2023-24) deixou o Vit. Guimarães após a estreia. Foi a segunda chicotada da época, depois de Tozé Marreco que nem começou o campeonato, saindo do comando do Gil Vicente a dias do jogo com o FC Porto, dando lugar Bruno Pinheiro.



Carlos Carvalhal feliz no segundo regresso ao Sp. Braga.

SP. BRAGA

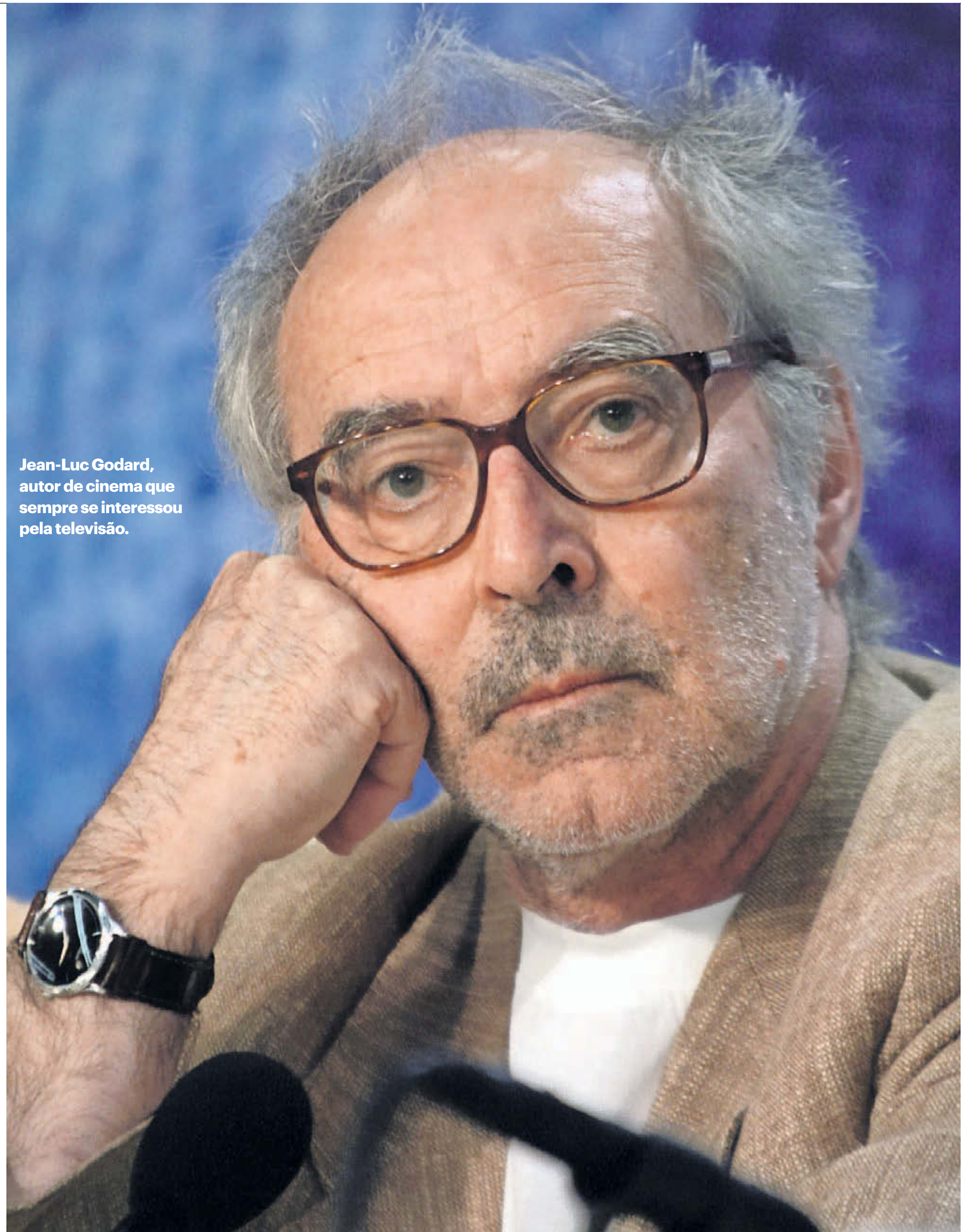
BREVES

João Almeida lidera UEA na Volta a Espanha

João Almeida, quarto classificado no *Tour*, vai liderar a UAE Emirates com o britânico Adam Yates na Volta a Espanha, que parte de Lisboa no sábado. "Começar uma grande Volta em Portugal é um sonho. Estou superfeliz de começar em Lisboa e passar pela minha terra natal [Caldas da Rainha]. Ter o apoio dos adeptos portugueses, da família, dos meus amigos, será especial, talvez uma oportunidade única na vida", explicou o ciclista português, que depois do 4.º lugar na Volta a França vai "assumir um papel de líder ao lado de Adam Yates". João Almeida regressa, assim, à *Vuelta*, que acabou no 4.º lugar em 2022 e em que foi 9.º em 2023. A prova terá três etapas em Portugal, terminando em Madrid em 8 de setembro.

Melhor *ranking* de sempre para Nuno Borges

Nuno Borges subiu quatro posições no *ranking* ATP para o 39.º lugar, a sua melhor posição de sempre, tornando-se também apenas o segundo português a entrar no top 40 – João Sousa foi 28.º. Durante a última semana, o tenista português, de 27 anos, alcançou os oitavos de final do Masters 1000 de Montreal, no Canadá, numa temporada em que venceu o seu primeiro torneio ATP250, em Bastad, na Suécia, numa final em que bateu Rafael Nadal. O *ranking* continua a ser liderada pelo italiano Jannik Sinner, seguido do sérvio Novak Djokovic e do espanhol Carlos Alcaraz. A polaca Iga Swiatek segue na liderança do *ranking* feminino de ténis.



Jean-Luc Godard, autor de cinema que sempre se interessou pela televisão.

Para redescobrir Godard nos nossos ecrãs caseiros

CINEMA Nome fulcral da modernidade, Jean-Luc Godard continua a ser uma presença importante no mercado português, incluindo as plataformas de "streaming": agora, a Filmin propõe mais 11 dos seus títulos, num panorama multifacetado de um legado que transcende os tempos heroicos da Nova Vaga francesa.

TEXTO **JOÃO LOPES**

É bem verdade que o legado cinematográfico de Jean-Luc Godard (1930-2022) pertence, antes de tudo o mais, ao espaço clássico das salas de cinema — essa é, aliás, uma marca emblemática da Nova Vaga francesa, de que ele foi um fundamental protagonista. Mas não é menos verdade que, muito cedo (a partir da chamada "fase militante", em finais da década de 60), Godard mostrou-se disponível para as aventuras de produção do pequeno ecrã, aliás ocupando um lugar insubstituível na história das relações cinema/televisão. Ironicamente ou não, podemos agora descobrir uma parte importante da sua filmografia nos nossos ecrãs caseiros: são 11 títulos disponíveis na plataforma Filmin.

São filmes que estiveram nas salas com chancela da Leopardo Filmes, 10 deles em reposição e um em estreia. Isto porque, ao longo de quase quatro décadas, *Detective* (1985) mantivera-se inédito no circuito comercial português. Durante um breve período, chegou a estar disponível na Netflix (com o título *Mafia em Paris*), num contexto bem diferente — de facto, sem qualquer contextualização, já que foi mais uma pérola cinéfila que a Netflix tratou com ostensiva indiferença promocional. Agora, pelo menos, estamos perante uma aposta na criação de um evento especial no "streaming", aliás rotulado por uma expressão que podia fazer parte do imaginário "godardiano": "Cinema sem limites".

O período da Nova Vaga está muito bem representado, desde logo através de *O Acossado* (1960), tradicionalmente apontado como um dos títulos da trilogia que iniciou o movimento, a par de *Os 400 Golpes*, de François Truffaut, e *Hiroshima, Meu Amor*, de Alain Resnais (ambos lançados em 1959). A seleção propõe mais sete longas-metragens do mesmo período, até *Made in USA* (1966). Além do já citado *Detective*, o panorama inclui ainda dois títulos que, em décadas posteriores, ilustram o empenho com que Godard nunca deixou de ser um genuíno experimentador: *Nome: Carmen* (1983) e *Valha-me Deus* (1993).

Tudo isto, importa não esquecer, surge a par de mais seis filmes de Godard que já estavam (e continuam) no catálogo da Filmin. Um deles, *Fim de Semana* (1967), pode ser considerado como aquele que encerra, simbolicamente, a Nova Vaga. *Os Ventos de Este* (1969), Vladimir e Rosa (1971) e *Tudo Vai Bem* (1972) são momentos da "fase militante", sendo o último deles um ambíguo e fascinante regresso aos elencos das grandes vedetas (Jane Fonda e Yves Montand).

A oferta termina com as duas longas-metragens finais de Godard, *Adeus à Linguagem* (2014) e *O Livro de Imagem* (2018), estreadas em sala pela Midas Filmes: nelas se espelham os equívocos da nossa comunicação e, sobretudo, a amargura da nossa incomunicação. É em *O Livro de Imagem* que Godard cita algumas palavras de Montesquieu que poderiam funcionar como princípio ético e estético do seu próprio trabalho: "Julgar-me-ia o mais feliz dos mortais se pudesse fazer com que os homens pudessem curar-se dos seus preconceitos — chamo aqui preconceitos, não o que faz com que se ignorem certas coisas, mas o que faz com nos ignoremos a nós mesmos."

UMA COLEÇÃO "GODARDIANA"

O ACOSSADO (1960)
Na abertura deste *À Bout de Souffle*, Jean-Paul Belmondo olha para a câmara, nomeia várias paisagens (o mar, a montanha...) e pergunta se são coisas de que gostamos — se não gostamos, então, diz ele, "vão dar uma volta" (tradução begnina). A Nova Vaga quebrava as regras clássicas, incluindo a interdição de falar "para" o espectador, tudo isso envolvido em memórias cinéfilas do classicismo de Hollywood, a começar pelo filme "noir": Belmondo era um Humphrey Bogart vencido por uma angústia sem fim.

UMA MULHER É UMA MULHER (1961)
Esquecemo-nos, por vezes, que a herança que Godard recolhe no cinema americano, além dos registos mais dramáticos, também inclui o musical e, mais especificamente, a comédia musical. Eis o exemplo esclarecedor, com o contributo precioso do compositor Michel Legrand (que, na mesma época, começava a sua colaboração com Jacques Demy). É uma das sete longas-metragens em que Anna Karina foi dirigida por Godard, neste caso contracenando com Jean--Claude Brialy e Jean-Paul Belmondo.

O SOLDADO DAS SOMBRAS (1963)
Le Petit Soldat no original, foi o primeiro filme em que Godard dirigiu Anna Karina, ainda em 1960, mas a sua difusão seria interditada devido às referências à guerra da Argélia, em particular com a inclusão de algumas cenas de tortura — só chegaria às salas francesas três anos mais tarde. Em boa verdade, através da personagem de Michel Subor a dimensão política não pode ser dissociada da discussão de um tema "godardiano", por excelência: o valor das imagens e a verdade que transportam.

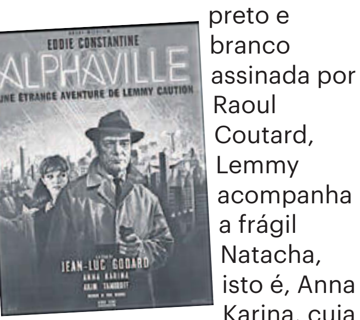


OS CARABINEIROS (1963)
As personagens principais vivem a experiência brutal da guerra, mas, além da abstração geográfica, os seus nomes são Ulisses, Miguel Ângelo, Vénus e Cleópatra... Sempre marcada pela atualidade política, a narrativa de Godard experimenta, aqui, os artifícios da parábola moral centrada nos pobres soldados que se envolvem nos combates porque acreditam que serão recebidos com riquezas monumentais — o efeito simbólico é tanto mais perturbante quanto o filme simula a fluência de um documentário.

O DESPREZO (1963)
Baseado no romance de Alberto Moravia, *Le Mépris* (*Contempt* na versão em inglês) continua a ser o mais universal cartão de visita da filmografia de Godard. Para os que associam a sua obra, e até mesmo a Nova Vaga, a uma austeridade expressiva alheia ao "star system", vale a pena contrapor o óbvio: num dos papéis centrais está Brigitte Bardot, na altura não apenas um dos nomes mais populares da produção francesa, mas também uma estrela de dimensão internacional. Ela surge como a mulher de um argumentista, interpretado por Michel Piccoli, que nos cenários paradisíacos da ilha de Capri colabora numa adaptação da *Odisseia*, de Homero, sob a direção de Fritz Lang. Pormenor fundamental: o mestre germânico Lang, também ligado às glórias clássicas de Hollywood, interpreta o seu próprio papel, num jogo de espelhos que se confunde com uma reflexão mágica sobre a própria criação artística. O tema musical, assinado por Georges Delerue, adquiriu uma dimensão lendária, tendo surgido em vários filmes de outros autores — exemplo: *Casino* (1995), de Martin Scorsese.



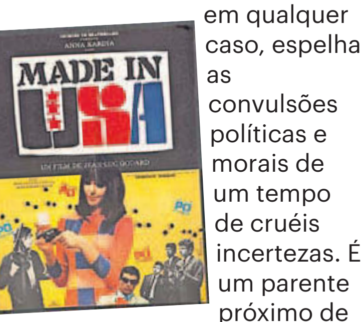
ALPHAVILLE (1965)
Eis uma nova parábola política, agora numa ditadura que suprimiu os conceitos de "amor" e "poesia", com o americano Eddie Constantine a interpretar o agente secreto Lemmy Caution (personagem que, por essa altura, protagonizara em várias produções europeias). Com uma prodigiosa fotografia a preto e branco assinada por Raoul Coutard, Lemmy acompanha a frágil Natacha, isto é, Anna Karina, cuja libertação emocional e política começa com a leitura dos poemas de *Capitale de la Douleur*, de Paul Éluard.



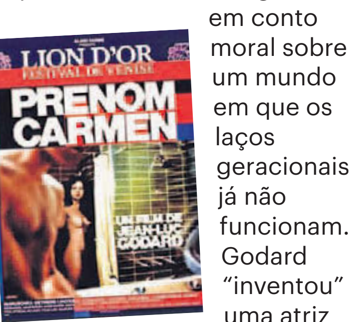
PEDRO, O LOUCO (1965)
Lançado a meio da década de 60 (a estreia portuguesa ocorreu em 1966), este é o título que mais e melhor simbolizou a energia criativa de toda a Nova Vaga. Jean--Paul Belmondo e Anna Karina atravessam as paisagens francesas, cumprindo as etapas de uma errância existencial que tem tanto de utopia filosófica como de desencantado protesto contra as misérias da sociedade de consumo — é uma história de amor e morte, essencial para compreendermos um tempo em que, trágica ilusão, tudo parecia possível.



MADE IN USA (1966)
Derradeira longa-metragem com Anna Karina, eis o filme que o próprio Godard definiu como "Walt Disney com sangue". Tradução possível: uma aventura de muitos artifícios cénicos e personagens imaginárias que, em qualquer caso, espelha as convulsões políticas e morais de um tempo de cruéis incertezas. É um parente próximo de *Duas ou Três Coisas Sobre Ela* (1967), este uma versão mais crua sobre o impasse existencial da sociedade de consumo — em ambos os casos, predominam as cores da Pop Art.



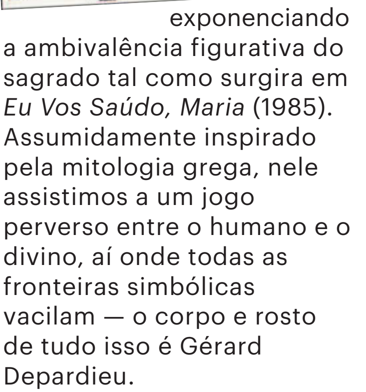
NOME: CARMEN (1983)
Objeto radicalmente poético, arrebatou o Leão de Ouro de Veneza, por certo a distinção mais sonante que Godard obteve no circuito dos festivais. O mito da Carmen de Mérimée (mais do que da ópera de Bizet) transfigura-se em conto moral sobre um mundo em que os laços geracionais já não funcionam. Godard "inventou" uma atriz transcendental ao entregar o papel de Carmen à holandesa Maruschka Detmers; ele mesmo assume o papel do "Tio Jeannot", um lunático que é também um cineasta falhado...



DETECTIVE (1985)
Com autoironia q.b., cruzada com a mais pura objetividade, Johnny Hallyday explicou porque é que ele, estrela do rock'n'roll, para sempre ligado aos êxtases e frustrações dos anos 60, aceitou filmar sob a direção de Godard — a explicação não podia ser mais simples: assim tinha "a certeza de ficar na história do cinema". Eis uma sugestiva entrada na narrativa deste sublime *Detective*, objeto maldito cuja maldição se enraizou num triste pecado: a indiferença dos mercados cinematográficos. Contracenando com Nathalie Baye, na altura sua companheira, Hallyday é um empresário do mundo do boxe apostado em conseguir um bom combate para o seu pupilo, visando uma receita que lhe permita pagar as suas dívidas... Tudo acontece num hotel de Paris, filmado como uma catedral em cujos corredores e suítes se vivem as tragédias de um mundo mercantil que passou a excluir qualquer forma de proximidade amorosa — Godard assumia o génio criativo de um modelo de cinema que, como se provou, a indústria estava apostada em destruir.



VALHA-ME DEUS (1993)
Se necessitamos de uma definição imperfeita, mas sugestiva, para este fascinante *Hélas pour Moi*, talvez possamos considerar que se trata do mais enigmático dos filmes de Godard, de algum modo exponenciando a ambivalência figurativa do sagrado tal como surgira em *Eu Vos Saúdo, Maria* (1985). Assumidamente inspirado pela mitologia grega, nele assistimos a um jogo perverso entre o humano e o divino, aí onde todas as fronteiras simbólicas vacilam — o corpo e rosto de tudo isso é Gérard Depardieu.





Bad Monkey: verão, crime e uma sorte macaca

STREAMING Debaixo do sol da Florida há um detetive numa má fase e o mistério de um braço decepado. *Bad Monkey* é o que precisávamos agora: uma série com cenário estival onde apetece estar e brisa de suspense que convence. Estreia-se amanhã na Apple TV+, com Vince Vaughn no ponto.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

O telefone tocava, mas Yancy não atendeu. Estava a beber rum, sentado numa espreguiçadeira de plástico"... a desfrutar da sua "modesta vista do pôr do sol." A imagem do ócio em dia de verão surge assim descrita no romance *Bad Monkey*, de Carl Hiaasen, e vemo-la quase fielmente retratada nos primeiros minutos da série homónima, com Vince Vaughn de óculos escuros e camisa de padrão havaiano a apreciar a fauna circundante num vagar sereno, não fosse o barulho da construção da vivenda ao lado, que em tudo ameaça desestabilizar o espírito e ordem daquela paisagem de Florida Keys. Vaughn interpreta Yancy, bem entendido, detetive suspenso da polícia de Miami por uma ação pouco ortodoxa contra o marido da amante, e alguém cujo referido momento pacífico não define a postura em geral: à semelhança do autor do livro na origem da série – que é um jornalista, nascido e criado na Florida –, Yancy vive desassossegado com a falta de consciência ecológica e desenfreada cultura comercial que está a destruir o modo de vida na região.

De resto, há um motivo óbvio para sublinhar o facto de *Bad Monkey* (em estreia amanhã na Apple TV+) ser uma adaptação: o tom espirituoso desta excelente ficção televisiva começa na marca literária dos romances policiais de Hiaasen. Tanto assim que o cartaz mantém o nome do escritor por baixo do título, em estilo de aceno aos fãs. Concebida por um dos *showrunners* do sucesso Ted Lasso, Bill Lawrence, estamos perante um divertido *thriller* que, em ambiente veranil, consegue misturar sátira arejada com um esboço de drama sem desequilibrar a proposta. Isso e a voz áspera de um narrador que garante a justa distância irónica através de pequenas intervenções.

> A imagem do ócio em dia de verão surge assim descrita no romance *Bad Monkey*, de Carl Hiaasen, e vemo-la quase fielmente retratada nos primeiros minutos da série homónima.

Mas recuemos. Quando Yancy/Vaughn aparece em cena, a beber descansado o copito de rum, já o espectador sabe que aqueles minutos vão ser interrompidos. Neste caso, pelo seu melhor amigo e colega, Rogelio (John Ortiz), que traz notícias sobre um braço humano pescado no mar, com o dedo do meio rigidamente esticado... Esse membro – de que a polícia se quer livrar o mais depressa possível, por dar má imagem para o turismo local (o mesmo problema causado pela barbatana pontiaguda no *Tubarão* de Spielberg) – torna-se então a desculpa perfeita para o detetive de Vaughn tentar um regresso ao seu posto, aventurando-se numa investigação que vai dali às Bahamas. O que se passa nas Bahamas? Digamos apenas que há negócios obscuros com propriedades a serem compradas à força para *resorts* de luxo, envolvendo um pobre pescador e o seu macaco, que foi treinado, segundo se acredita, no "último filme de piratas de Johnny Depp." Se dúvidas houvesse, é ele o "bad monkey" e isto está tudo ligado.

Pelo meio, o protagonista andará a passear o braço decepado numa arca com gelo (quando não se encontra no seu próprio congelador) e a namoriscar a rapariga da morgue, enquanto a ex-amante se mete em trabalhos com as autoridades e ele luta para recuperar a profissão que ama... Uma mescla de absurdo e graça só compatível com o cargo de inspetor de restauração que terá de assumir para poder recuperar o seu cargo original. Ele que, para fazer a coisa certa, percorre sempre as vias erradas, seja debaixo do sol da Florida ou nos ares tropicais das Bahamas.

Vince Vaughn na melhor forma

Da mesma maneira que Ted Lasso deu uma segunda vida a Jason Sudeikis, revelando um ator que parecia quase banal na rotina das comédias, *Bad Monkey* vem lembrar-nos que Vince Vaughn é um intérprete de grande estatura. Em parte, porque o material em causa lhe assenta que nem uma luva: desde o vício de tagarela ao ímpeto desengonçado com que tenta apanhar criminosos, o charme deste detetive tem aquele brilho singular que só os atores com carisma conseguem imprimir. Ao longo de 10 episódios, não há como negar a atração pela sua linguagem corporal de ritmos e emoções mistas, rematada com uma simpatia cristalina.

O que não significa que Vaughn seja aqui uma força isolada. Ainda que possa haver quem não se interesse por um enredo cheio de personagens secundárias (incluindo duas praticantes de magia vodu e um *gangster* russo), em que todas as energias contribuem para o movimento da história, a verdade é que a série de Bill Lawrence cumpre os requisitos máximos da ficção suficientemente leve e afiada para alcançar o chamado entretenimento inteligente, já agora, mais do que adequado para a época do ano.

Para o espectador português, fica a nota: veja até ao fim. O derradeiro golpe humorístico de *Bad Monkey* é uma gargalhada certa neste canto da Europa.



Opinião
Guilherme d'Oliveira Martins

Arrábida – encontro com a serra-mãe

Neste ano de Sebastião da Gama, evocamos o poeta e os seus amigos. E em Maria de Lourdes Belchior descobrimos não apenas a companheira da redescoberta de Frei Agostinho da Cruz, mas também a autora que porventura melhor compreendeu o lugar do poeta na contemporaneidade. "Como Sebastião é diferente! Tanto nos seus versos, límpidos como a água da Arrábida, como na prova do seu diário de professor, que é antes um poema, vimos erguer Sebastião puro, simples, desmesuradamente agarrado à tal solidariedade com a vida dos outros que despersonaliza os homens para os identificar com a sua própria criação e que os não deixa em vida ter morte". Em Vila Nogueira de Azeitão, celebrámos há pouco a memória de quem transmitiu o carácter único do Mediterrâneo no Atlântico nesse santuário natural que – nos aproxima de Itália e da Grécia – que Orlando Ribeiro estudou, compreendendo o lugar como coração da terra portuguesa. "O mais difícil não é ir à Arrábida, porque no Verão há carreiras de camionetas, no Inverno há em Azeitão táxis ou carroças ou jeriquinhos tão prestáveis como os de Cacilhas de antigamente e de Janeiro a Dezembro, para muito boa gente, há duas pernas vigorosas e de boa vontade que fazem transpor a Serra pelo Vale do Picheleiro. Difícil, difícil, é entendê-la: porque boas praias, boas sombras e boas vistas há as em toda a parte para os bons banhistas, os bons amigos de bem-comer, os bons turistas, o que não há em toda a parte é a religiosidade que dá à Serra da Arrábida elevação e sentido. Sabe-se lá se o alor mítico que vem da origem, se lho deixaram – inefável herança! – os franciscanos do seu Convento?".

Em tantas conversas com António Osório, recordámos uma terra cheia de História e de histórias, velho retiro de oração, numa cadeia de aldeias antigas onde a corte e a fidalguia vinham veranear no século XVII, com caça grossa, mas que o rei mandou descoutar… E lembramos a força dos olivais que deram nome àquele rincão, mas também a presença dos caramelos do Baixo Mondego, de ir-e-vir ou de ficar, o sabor inconfundível do vinho "Periquita" ou do Moscatel, trazidos por José Maria da Fonseca, vindo Nelas, sem esquecer o queijo de Gaspar Henriques de Paiva, da Serra da Estrela, que descobriu que o método ancestral beirão dera lugar a um produto com características distintas, pela alimentação dos animais e pelos terrenos da península de Setúbal, obtido do leite cru de ovelha, de consistência amanteigada, ombreando entre os melhores e tornando-se inconfundível…

Tudo isso faz parte da Arrábida, como pura mata mediterrânica temperada pela corrente quente atlântica. Domina o maquis arbustivo, com o lentisco e o carrasco, os alecrins e os tomilhos, introduzindo o carvalho português a cambiante atlântica. E Sebastião da Gama pede ao viandante: "Vá sozinho, suba ao Convento, que é onde o espírito da Serra converge e como que ganha forma, leve, se quiser os versos de Agostinho (…) e experimente como afinal é fácil estar a sós com Deus". E nessa deambulação vamos olhando a quietude da Serra e a imensidão do mar. E entre os poetas lembramos as tias conselheiras, que por ali se encontram… E despedimo-nos serenamente, com tantos poetas presentes… "Ai não te cales, voz do Poeta errante! /Se não a Serra pode despertar"…

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian



Opinião
Luís Castro Mendes

Vilegiatura

Este termo antigo e desusado significava férias, em tempos antigos. E evoca, além do mais, uma das mais conhecidas obras teatrais de Goldoni, a trilogia das vilegiaturas. Por isso eu, praticamente reformado, gosto de chamar vilegiatura a este tempo, que não representa mais para mim a suspensão do trabalho diário, mas intensifica a pressão dos compromissos assumidos em matéria de textos e de traduções, para além deste compromisso com o DN e com os meus leitores das terças feiras.

Estas férias, a que chamamos grandes, tornaram-se para mim o reencontro marcado com os filhos e com as netas e substituíram a sociabilidade dos encontros literários e políticos pela intimidade, ativa e exigente, da reunião familiar. O cenário é (e espero que continue a ser no futuro) a mesma praia de há mais de trinta anos. E este aspeto de reunião familiar faz-me evocar um espetáculo de Goldoni, a que assisti há muitos anos, em que a conversa familiar entre os personagens da vilegiatura tornava o irrisório cómico e o cómico brilhante.

Não vemos aqui Deus a passear pela borda da praia, "com as calças arregaçadas", como dizia Ruy Belo. Mas acreditamos, como o grande poeta, que "o verão é a única estação" e que fomos feitos para "grandes férias". Grandes férias que se foram tornando mais pequenas com os anos, à medida que cresciam os compromissos e a leitura deixara de ser aquele passeio sem rumo de um "flâneur", para se converter no exame aprofundado de um tema que deixáramos para mais tarde. As férias foram-se assim transformando em vilegiatura e alegria familiar, perdendo a sua abertura para o indefinido e para o infinito, que as leituras sem programa me traziam.

Não cedo à tentação de falar de política, porque sinto que a nossa política entrou também em vilegiatura, cansada de novidades e de ruturas, de promessas e de proclamações. Não sou minimamente partidário de fusões e indefinições ideológicas, em prol de um bem comum, com que se procura esconder e elidir as divisões e confrontos que fazem a democracia e que respondem à sociedade. Mas não posso deixar de saudar o manifesto dos 50/150/200, que representa uma indignação comum a democratas de diferentes setores políticos e ideológicos com um estado de coisas em que chegámos ao ponto de uma cadeia noticiosa (a CNN) se ufanar de estar na posse de escutas telefónicas que estão em segredo de justiça, e a que a defesa não pôde ter acesso. Há um momento em que a indignação cívica tem que explodir e em que a exigência de democracia se sobrepõe às diferenças entre democratas.

A vilegiatura parece aqui estender-se perigosamente àqueles que nos deveriam defender do crime e da corrupção e que, na frontal expressão do Dr. Cunha Rodrigues, "preferem investigar sentados".

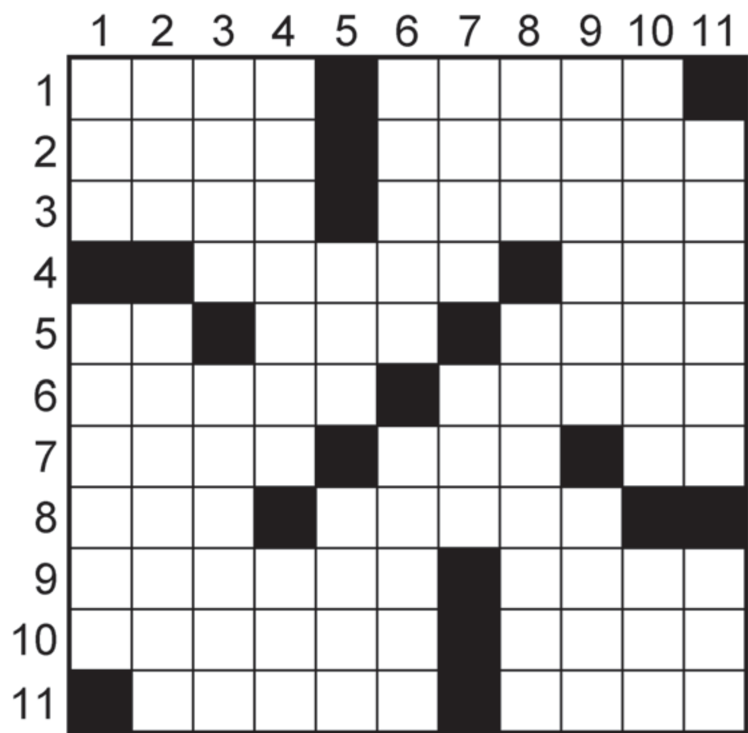
Eu estive sob escuta telefónica da PIDE e recordo-me de um telefonema romântico em que eu estava embrenhado e que foi interrompido por uma forte voz masculina que, impaciente com os meus rodeios, disse qualquer coisa delicada como "põe-te mas é na gaja". Os polícias desse tempo, pouco preocupados com o sigilo das suas escutas e irritados com a irrelevância do que ouviam, não hesitavam em ter uma intervenção ativa no que escutavam.

Não publicavam, contudo, os seus achados, até porque havia censura à imprensa. Esta publicação de escutas que jorra para os jornais, contra o segredo de justiça, poderá ser considerada uma aquisição do Estado democrático? Um triunfo das forças do Bem?

Mas em tempo de vilegiatura falar muito também cansa. Espera-me a minha praia e esvai-se a minha conversa.

Diplomata e escritor

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:
1. Grupo de pessoas em círculo. Estante para suporte de livros ou pautas de música, abertos para leitura. 2. Verbal. Fazer troça (popular). 3. Flanco. Bem organizado. 4. Atrever-se a. Díodo emissor de luz. 5. Numeração romana (200). Grande porção (popular). Avaria. 6. Relativo a determinado lugar. Missiva. 7. Levantar. Preposição designativa de substituição. Érbio (símbolo químico). 8. Redução de maior. Senhoras. 9. Preencher. A terceira letra do alfabeto grego. 10. Latada. Governador árabe. 11. Despontar no horizonte. Porta-bagagens.

Verticais:
1. Lista. Algazarra. 2. Reza. Pôr. 3. Concedido. As folhas ou agulhas do pinheiro. 4. Tornar louro. Progenitor. 5. Estrela. Concedida. 6. Montar. Não continuar. 7. Texto ou conteúdo de um escrito. Preposição que indica companhia. 8. Gracejar. Cessação de movimento. 9. Cheirar. Caruma (popular). 10. Dissimulado. Dez vezes cem. 11. Circundar. Altar.

SUDOKU

	1		2			9	3	
	6							
5		3			8	6		1
8					5	2		
		2		7			9	
3			1		9			8
9		6	3			8		
				6			5	
1		5					2	

SOLUÇÕES

7	1	8	2	4	6	9	3	5
4	6	9	5	1	3	7	8	2
5	2	3	7	9	8	6	4	1
8	9	1	6	3	5	2	7	4
6	5	2	8	7	4	1	9	3
3	7	4	1	2	9	5	6	8
9	4	6	3	5	2	8	1	7
2	8	7	4	6	1	3	5	9
1	3	5	9	8	7	4	2	6

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Roda. Atril. 2. Oral. Reinar. 3. Lado. Morato. 4. Ousar. Led. 5. CC. Ror. Pane. 6. Local. Carta. 7. Alar. Por. Er. 8. Mor. Damas. 9. Ocupar. Gama. 10. Ramada. Emir. 11. Raiar. Mala.
Verticais:
1. Rol. Clamor. 2. Ora. Colocar. 3. Dado. Caruma. 4. Alourar. Pai. 5. Sol. Dada. 6. Armar. Parar. 7. Teor. Com. 8. Rir. Paragem. 9. Inalar. Sama. 10. Latente. Mil. 11. Rodear. Ara.



ID Buzz revelou um comportamente dinâmico superior à expetativa.

O novo ID.Buzz pode levar até 7 pessoas sem deixar as malas para trás, com os 1121 litros de capacidade da bagageira.

Volkswagen ID. Buzz: Um gerador de sorrisos por onde passa

ELÉTRICO O novo ID. Buzz recupera o encanto *retro flower* power que se tornou emblema do movimento hippie dos anos 1960 com o clássico "pão-de-forma" para o século XXI.

TEXTO E FOTOGRAFIAS: **FERNANDO MARQUES**/MOTOR24

Tal como o original, o ID. Buzz destaca-se pelo seu formato, design único e opções de cores na pintura com dois tons. O modelo testado ainda foi o ID. Buzz com uma bateria de 77 kWh e um motor de 201 cv e velocidade máxima limitada aos 145 km/h. Entretanto a gama já foi atualizada, e todas as variantes do VW ID. Buzz são agora alimentadas por um único motor de 286 cv montado na traseira, que está associado a uma bateria de 79 kWh que este MPV partilha com os Volkswagen ID.3, ID.4 e ID.5.

Além de uma nova bateria e um novo motor existe agora também uma variante mais longa entre eixos (LWB), que introduz, pela primeira vez, a opção de sete lugares, o que faz todo o sentido tendo em conta as credenciais de automóvel familiar do ID. Buzz. A versão LWB estreia ainda uma bateria maior, de 88 kWh, que lhe permite percorrer até 455 quilómetros por carga no ciclo combinado WLTP. Aceita carregamento rápido (DC) até 170 kW, com a bateria a poder ficar carregada dos 5 até aos 80% em apenas 30 minutos. Para quem tem o hábito de sair de casa atrasado para deixar os miúdos na escola, o ID. Buzz GTX acrescenta tração às quatro rodas, bem como dois motores que debitam uma potência combinada de 335 cv.

Existem automóveis que chamam a atenção pelas mais diversas razões, e depois há o ID. Buzz. Um gerador de sorrisos por onde passa – especialmente na versão com dois tons: Branco Candy/Laranja Energetic (2.184,52 euros). Por onde passámos, toda a gente ficou com uma expressão de felicidade estampada no rosto, como se o seu dia tivesse melhorado naquele momento.

AGILIDADE NAS MANOBRAS

O equipamento de série conta com um volante aquecido, câmara de marcha-atrás, arranque sem chave, cruise control adaptativo e jantes de liga leve de 19 polegadas, além de banco traseiro rebatível 40:60 e portas traseiras deslizantes. É com satisfação que verificamos que a marca não aderiu à moda de apenas um ecrã ao centro do tablier para toda a informação ao colocar um painel de instrumentos de 5,3 polegadas na coluna de direção. O infoentretenimento está a cargo de um ecrã tátil de 10 polegadas (12" em opção), com conectividade Apple CarPlay e Android Auto e atalhos diretos em baixo para a climatização. Conta ainda com funcionalidades como Plug & Charge, para agilizar o carregamento da bateria sem cartões ou apps e atualizações remotas OTA over the air.

> Além de uma nova bateria e um novo motor existe agora também uma variante mais longa entre eixos (LWB), que introduz, pela primeira vez, a opção de sete lugares, o que faz todo o sentido tendo em conta as credenciais de automóvel familiar do ID. Buzz.

Em andamento, o ID. Buzz revelou agilidade nas manobras e um comportamento dinâmico superior à expetativa, com a sua posição de condução elevada a permitir uma visão ampla da estrada e um bom controlo do rolamento da carroçaria nas curvas. O interior é colorido e oferece múltiplos espaços para arrumação e acessórios sempre à mão como o prático divisor da consola central que é simultaneamente um abre-cápsulas e diversas tomadas USB-C espalhadas pelo interior. Contrariamente ao que acontece nos SUV mais luxuosos, a marca optou por materiais duros para maior resistência ao desgaste, mas são suaves nos locais onde o contacto com o corpo é mais frequente. Os estofos dos bancos são feitos a partir de material proveniente de garrafas e plástico reciclado recolhido dos oceanos. Na versão testada, os ocupantes agradecem o conforto proporcionado, podem viajar cinco adultos, em que os passageiros da fila traseira conseguem até cruzar as pernas, graças aos bancos deslizantes longitudinalmente.

Durante o nosso teste, ao longo de 150 quilómetros, obtivemos uma média de consumo de 18,9 kWh/100 km, o que pelas nossas contas daria para 407 quilómetros de autonomia. Um valor abaixo dos 423 km anunciados pela marca. O ID. Buzz está disponível a partir de 59 165 euros.


Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Quarta-feira, 13 de Agosto de 1924

POLITICA INTERNACIONAL

OS BOATOS DE PARIS

O CONVENIO

A FESTA DE SABADO NO COLISEU

UM PROGRAMA QUE FICARÁ INOLVIDAVEL

VIDA POLITICA

M. Herriot

M. Clémentel

O DIA DO BOMBEIRO

O MARAJAH DE TRAVANCORE

EM PROL DOS VELHOS MONUMENTOS

"FESTA DA PATRIA"

A MURRO!

RUY BARBOSA

MINISTRO DO URUGUAY

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 13 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

EM PROL DOS VELHOS MONUMENTOS

A CAPELA DE S. PEDRO DE BALSEMÃO

deve ser considerada como monumento nacional

UMA CARTA OPORTUNA DO SR. D. JOSÉ PESSANHA

Interior da Capela de S. Pedro de Balsemão

Como écos saudosos de velhas gerações em que pela fé se ergueram monumentos admiraveis que através dos seculos vêm falando do caracter proprio de cada epoca, encontram-se espalhados por todo o nosso país pedaços mutilados, ruinas por onde o tempo passou deixando bem impressa a sua inclemencia.

Mas mais talvez do que a inclemencia do tempo, a inclemencia do homem que ainda não sabe amar, não sabe compreender, não sabe sentir esses pedaços truncados desses corpos que foram belos, desses corpos, onde, na pureza das suas linhas, na sua elegancia impecavel, viveu um sonho de Arte, uma ansia de mais alto.

O «Diario de Noticias» tem procurado sempre ir em socorro piedoso dos monumentos que um abandono condenavel deixou entregue á acção nefasta do tempo que tudo aniquila.

Agora vem até nós o apêlo do ilustre arqueologo sr. D. José Pessanha para que se salve a capela de S. Pedro de Balsemão, valiosa pela sua vetustez, notavel pelo seu caracter artistico. Publicando essa carta cumprimos o programa que nos impusémos.

Paranhos da Beira, 1 de agosto de 1924. — Meu caro amigo: *Acabo de ler, no seu «Diario», que recebeu a qualificação de «Monumento nacional» a capela de S. Pedro, em Seia, ficando assim atendido um apêlo que, em setembro do ano findo e por intermedio do «Diario de Noticias» alguem dirigiu, nesse sentido, ás instancias competentes.*

Outra capela, tambem da invocação de S. Pedro e igualmente situada na Beira, deve do mesmo modo receber aquele titulo. Refiro-me á capela de S. Pedro de Balsemão, em favor da qual, verbalmente e na imprensa, por mais de uma vez tenho formulado identico apêlo.

S. Pedro de Balsemão demora a 3 quilometros, pouco mais ou menos, de Lamego, no fundo de uma daquelas ravinas abruptas que caracterizam a região duriense, junto do riacho daquele nome, sub-afluente do Douro.

E' dos monumentos cristãos mais antigos da Peninsula. Data do periodo visigotico, tendo sido atribuido pelo eminente arquitecto arqueologo espanhol V. Lamperez y Romea ao seculo VII, em virtude da sua analogia com a igreja, datada, de S. Juan de Baños, em Palencia, — analogia ainda mais completa, como já demonstrei («Terra Portuguesa», ano 5.º, n.º 6), do que a esse autorizado especialista se afigurava, podendo agora acrescentar que um documento do seculo XIV me leva a ter como quasi certo que a porta principal da nossa vetusta igrejita (elemento que desapareceu) era resguardada por um alpendre, como a da sua congénere espanhola.

Decerto subscreveriam convictamente estas linhas o grande mestre da arqueologia artistica portuguesa, Joaquim de Vasconcelos, e o benemerito editor-artista Marques Abreu, que, ha anos, fotografou a capela de Balsemão nos seus mais interessantes aspectos, divulgando depois os seus trabalhos pela fotogravura, na revista «Arte» e no precioso volume «Arte Romanica».

Tenha-me sempre como seu, etc., (a) D. José Pessanha.

Diario de Noticias

POLITICA INTERNACIONAL

OS BOATOS DE PARIS

As viagens do presidente do conselho francês e os comentarios do Palais-Bourbon — A desmentida desinteligencia Herriot-Nollet — A evacuação do Ruhr e garantias militares — O problema da segurança francesa é um problema europeu — A convocação das Camaras e a Sociedade das Nações

Paris, 8 de Agosto.

O sr. Herriot vem amanhã a Paris assistir a um conselho de ministros presidido pelo sr. Doumergue e regressará a Londres no dia seguinte. O presidente do conselho vem acompanhado pelo general Nollet, ministro da Guerra, e pelo sr. Clementel, ministro das Finanças.

A noticia dessa viagem rebentou esta tarde como uma bomba nos meios po-



M. Herriot

liticos de Paris e especialmente no mais frequentado desses meios que são os corredores do Palais-Bourbon, mesmo em tempo de ferias parlamentares. Os comentarios eram contraditorios, o mais possivel contraditorios, e eu vou reproduzir alguns deles para dar uma ideia dessas contradições.

—Ha uma crise grave na Conferencia, dizia um deputado da oposição com todo o ar duma pessoa muito bem informada.

—Ah! articulava outro. Eu bem dizia que com a chegada dos alemães...

—Mas não é com os alemães.

—?

—E' entre os franceses.

—Como assim?

—E' sobre a evacuação do Ruhr. Herriot está disposto a consentir na retirada das nossas tropas. Mas o general Nollet protesta contra essa retirada antes de estar garantida a nossa segurança e restabelecido o «contrôle» militar. Parece mesmo que a sua atitude é de tal modo irredutivel, apesar de todos os esforços de Clementel para o acalmar, que o conflito não terá outra saída senão a demisssão do ministro da Guerra... ou a queda do ministerio.

—E' então por causa disso que eles vêm a Paris?

—Evidentemente. A questão será ventilada em conselho de ministros. E, como se trata dum caso grave como é o da segurança nacional, o Presidente da Republica poderá utilmente intervir.

Aproximei-me dum outro grupo, composto êsse de amigos do governo. Aí o «son de cloche» era outro. Ousei interrogar um dos circunstantes sobre o conflito Herriot-Nollet.

—Não ha conflito nenhum! respondeu-me êle. Absolutamente nenhum! São balelas! Não ha nem pode haver. A eva-



M. Clémentel

cuação do Ruhr não tem nenhuma relação com a nossa segurança, pelo simples motivo que a ocupação não foi provocada pela resistencia dos alemães ao «contrôle» militar ou por qualquer razão analoga. Os motivos que nos levaram ao Ruhr foram motivos de ordem puramente economica. Foi, em suma, o problema das reparações. Os militares entraram no Ruhr para proteger os civis que lá mandámos. Desde que esses civis se venham embora é logico que os militares não têm mais nada que fazer naquelas paragens.

—Mas, observei, esse recuo temporario da fronteira alemã sempre podia constituir para a França uma garantia, á falta de melhor...

—Bem ilusoria garantia! objectou-me por sua vez um eleito socialista. Esse problema da segurança é importante. Mas só encarando-o duma maneira mais larga é que será possivel encontrar-lhe uma solução eficaz. A politica da força só nos pode dar uma segurança efémera. Hoje somos a mais forte potencia militar da Europa. Mas amanhã? Daqui a dez anos poderemos quando muito opôr três milhões de soldados aos doze milhões que a Alemanha poderá mobilizar contra nós. A segurança da França não é, não pode ser, uma questão simplesmente franco-alemã: é uma questão europeia que, como tal, tem de ser resolvida por todas as nações da Europa.

As largas vistas do meu interlocutor eram sem duvida infinitamente respeitaveis e não serei eu quem lhe negará um grande fundo de justiça. Permiti-me contudo, em sacrificio á actualidade flagrante, limitar o ambito da minha curiosidade:

—Porque vem a Paris o sr. Herriot?

O primeiro parlamentar que desmentira presto o boato do conflito inter-ministerial respondeu-me sem hesitar:

—A razão é tudo quanto ha de mais



O general Nollet, ministro da Guerra

simples e a emoção que vejo provocar essa viagem é que me parece bastante extraordinaria. Aqueles mesmos que diziam: «Ha três semanas que o presidente do conselho não ousa vir a Paris! As coisas vão mal», dizem agora: «O presidente do conselho julgou necessario vir a Paris! As coisas não vão bem». Ora toda a gente sabe que no sabado e no domingo não se faz nada em Londres. O «week end» é a mais respeitada das tradições britanicas. Amanhã, o sr. Macdonald parte para a beira-mar e o sr. Herriot e os seus colegas aproveitam o ensejo para vir a Paris pôr o presidente da Republica e os outros ministros ao corrente do que se tem feito até agora em Londres e do que ainda resta fazer.

—Tratar-se-á da revisão das Camaras?

—E' possivel; é mesmo provavel. Em principio, está decidido que as convocações serão feitas para o dia 20. Nessa data tudo leva a crêr que os trabalhos de Londres estarão terminados. O sr. Herriot explicar-se-á perante os deputados e os senadores, como é desejo seu, e depois partiremos todos para ferias... ou para a Sociedade das Nações.

As minhas conversas ficaram por aí. Uma hora depois, no «boulevard», um redactor da Havas informava-me de que por telegrama enviado de Londres ao secretario geral da presidencia do conselho, o sr. Herriot opunha aos boatos da sua desinteligencia com o general Nollet um desmentido formal.

JORGE GUERNER.

DE JORNALISTAS

DO "DIARIO DE NOTICIAS" OFERECE

a mais linda mulher de Portugal?

e engenheiro Vicente



lotaria clássica
EXTRAÇÃO: 033/2024
1.º PRÉMIO: 35446
2.º PRÉMIO: 56026
3.º PRÉMIO: 13069

EURODREAMS
SORTEIO: 065/2024
CHAVE: 10-13-19-22-25-28 + 2

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS


Vacinação vai estar disponível nas maternidades públicas ou privadas para quem nasça entre outubro e março de 2025.

Bebés vão ser vacinados pela primeira vez contra o Vírus Sincicial Respiratório

CAMPANHA. A imunização gratuita contra o VSR arranca a 1 de outubro e irá abranger 62 mil crianças. Ministério da Saúde diz que investimento ronda os 13,6 milhões de euros e que o objetivo é reduzir número de infeções respiratórias e idas às urgências.

A vacinação sazonal contra a infeção pelo Vírus Sincicial Respiratório (VSR) em idade pediátrica, para a época outono/inverno 2024-2025, vai arrancar a 1 de outubro. Pela primeira vez, as crianças serão imunizadas contra este vírus em Portugal. Segundo o Ministério da Saúde,o investimento nesta campanha é na ordem dos 13,6 milhões de euros, por parte do Governo, e estima-se que possa proteger cerca de 62 mil crianças. Em comunicado, a tutela da Saúde explica ainda que "a introdução da imunização contra o VSR acontece sob proposta da DGS, que teve em consideração, entre outros fatores, a epidemiologia da infeção em Portugal, o risco acrescido de desenvolvimento de doença grave e hospitalização e a segurança do medicamento."

Assim, a partir de 1 de outubro de 2024, "a imunização contra a infeção pelo VSR estará disponível de forma gratuita em todas as maternidades dos setores público, privado e social, para as crianças nascidas entre 1 de outubro de 2024 e 31 de março de 2025; e nas instituições de saúde do SNS, para as crianças nascidas entre 1 de agosto de 2024 e 30 de setembro de 2024, e crianças com fatores de risco definidos."

Na mesma nota, o ministério refere que "esta campanha operacionaliza uma das medidas prioritárias incluídas no Plano de Emergência e Transformação da Saúde, apresentado pelo Governo em maio de 2024", já que "é uma estratégia de prevenção que tem o objetivo de proteger as crianças, particularmente nos primeiros meses de idade, e reduzir a suscetibilidade individual, a carga de doença e o impacto na utilização de serviços de saúde, nomeadamente o recurso às urgências hospitalares e de internamentos associados."

A DGS, em conjunto com o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA) e outros parceiros, irá assegurar a vigilância epidemiológica do VSR, bem como a monitorização e avaliação do impacto desta campanha de imunização. "Esta medida demonstra uma aposta clara na prevenção da doença e na promoção da saúde e do bem-estar social das crianças e das suas famílias, ao invés de se reagir através da prestação de cuidados curativos", pode ler-se no comunicado.

BREVES

Governo vai contratar 570 novos oficiais de Justiça

O Governo vai contratar 570 novos oficiais de Justiça, anunciou a ministra da Justiça em visita à Pampilhosa da Serra, na região centro, onde também avançou que serão instalados novos equipamentos de comunicações nos tribunais. Na intervenção de inauguração da XXV Feira de Artesanato e Gastronomia de Pampilhosa da Serra, a ministra da Justiça, Rita Alarcão Júdice, anunciou a autorização do Ministério das Finanças para o processo de contratação de funcionários judiciais "sem os quais nenhum Tribunal consegue funcionar". O ministério esclareceu que ainda será preciso esperar pelo despacho das Finanças para saber quando será possível lançar o concurso externo para entrada na administração pública de 570 novos oficiais de justiça e adiantou que "está a estudar a melhor forma" para lançar o concurso, para garantir a sua eficiência e uma distribuição de vagas pelas regiões do país, onde a falta destes profissionais é mais sentida. O gabinete da ministra da Justiça referiu que "para já não está previsto" qualquer incentivo para fixação de profissionais nas zonas mais pressionadas e com um custo de vida mais elevado.

Mais de 100 militares da GNR em Fátima

A GNR vai destacar esta terça-feira 110 militares para o encerramento da peregrinação internacional de agosto ao Santuário de Fátima, cujo espaço aéreo está interditado a voos não autorizados de 'drones'. "Temos um dispositivo reforçado desde o dia 10 até ao dia 18, sendo que o enfoque é dia 13, o ponto alto das celebrações, onde vamos ter 110 militares empenhados, de várias valências da Guarda Nacional Republicana (GNR)", disse à agência Lusa o major Cláudio Lopes, do Comando Territorial de Santarém. Segundo o major, as principais preocupações da GNR são "a garantia da segurança rodoviária e da fluidez de trânsito nos acessos à cidade, e a segurança das celebrações no santuário, que envolvem uma grande concentração de pessoas". Este responsável salientou o facto de o espaço aéreo estar interditado temporariamente, para prevenir voos não autorizados de 'drones'. A GNR adianta que a operação policial "Migrante 2024" visa "garantir a segurança e tranquilidade pública, o controlo do tráfego rodoviário e a prevenção criminal, tanto no Santuário de Fátima, como nas áreas envolventes."




Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt



